

**Diálogos  
Interculturais  
Portugal-China**  
Congresso Internacional

Portugal-China  
Intercultural Dialogues  
International Congress

葡萄牙中国  
跨文化对话  
国际会议



universidade de aveiro  
theoria poiesis praxis

# livro de resumos



## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Congresso Internacional “Diálogos Interculturais Portugal-China” – Livro de Resumos

### EDITORES

Carlos Morais, Cheng Cuicui, António Manuel Ferreira, Maria Fernanda Brasete, Ran Mai, Rosa Lúcia Coimbra, Carlos Costa, Armando Vieira, Elisabeth Kastenholz, Zélia Breda, Carlos Rodrigues, Maria Luís Pinto, Gonçalo Santinha, Graça Magalhães, Mário Vairinhos, Nuno Dias, Shao Ling

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Ana Filipa Brandão (Universidade de Aveiro), Ana Maria Ramalheira (Universidade de Aveiro), António Graça de Abreu (Universidade de Aveiro), António Lázaro (Instituto Confúcio da Universidade do Minho), António Valente (Universidade de Aveiro), Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra e Instituto Politécnico de Macau), Catarina Xu (Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai), Fernanda Ilhéu (ISEG, Universidade de Lisboa), Francisco Providência (Universidade de Aveiro), Helena Santana (Universidade de Aveiro), João Nuno Corrêa-Cardoso (Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra), José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra), Luís Filipe Barbeiro (Instituto Politécnico de Leiria), Luís Filipe Barreto (CCCM e Universidade de Lisboa), Maria Celeste Eusébio (Universidade de Aveiro), Maria Eugénia Pereira (Universidade de Aveiro), Maria João Carneiro (Universidade de Aveiro), Nuno Rosmaninho (Universidade de Aveiro), Rosário Pestana (Universidade de Aveiro), Rui Augusto da Costa (Universidade de Aveiro), Rui Lourido (Observatório da China), Susana Barreto (Universidade do Porto), Susana Sardo (Universidade de Aveiro), Teresa Cid (Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa), Wang Suoying (Universidade de Aveiro), Yao Jing Ming (Universidade de Macau), Zhang Yan (Instituto Confúcio da Universidade do Minho), Zhu Li (Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa) e os editores.

### CAPA

Baseada num cartaz de Nuno Dias (DeCA, UA)

### EDIÇÃO

UA Editora

Universidade de Aveiro

Serviços de Biblioteca, Informação Documental e Museologia

1.ª edição – 2017

### ISBN

978-972-789-501-4

### APOIO





# índice

Apresentação .....	6
Comissões .....	8
Programa .....	11
Resumos .....	23

# apresentação

O Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro (IC-UA), em parceria com vários Departamentos da Universidade de Aveiro (DLC, DeCA, DCSPT, DEGEIT), organiza, nos dias 15, 16 e 17 de fevereiro de 2017, o Congresso Internacional “Diálogos Interculturais Portugal-China”. Do programa do congresso constam conferências plenárias, mesas redondas, comunicações livres, pósteres e exposições.

Os trabalhos organizam-se em torno de quatro grandes painéis temáticos:

## 1. Literatura, Língua e Tradução

A China está presente na literatura portuguesa, em defluência não só das viagens dos navegadores portugueses, mas igualmente dos escritores que, ao longo dos últimos séculos, têm passado sobretudo por Macau. Constitui, portanto, um tema de investigação o modo como os escritores portugueses têm percecionado a cultura chinesa.

De igual modo, afigura-se desafiador tentar perceber a visão que os chineses transmitem de Portugal. Neste contexto, importa também dar conta dos esforços de ensino das duas línguas, bem como da tradução nos dois sentidos: obras chinesas traduzidas para português, e obras portuguesas vertidas para chinês.

## 2. Turismo e Cultura

A viagem é, há vários séculos, o elemento central da relação de Portugal com a China. Viajar foi sempre um dos esteios principais na ligação e consolidação das relações entre povos e culturas.

O objetivo deste painel será o estudo das relações entre o turismo e os testemunhos culturais da presença dos Portugueses na China. Assim, serão abordadas as formas de turismo e lazer do passado, bem como as que se podem vir a desenvolver no futuro.

## 3. Sociedade e Ciência

A história da década de 70 deixa bem impressas profundas transformações sociais, políticas, culturais e económicas em Portugal e na China, tal o impacto dos eventos de natureza revolucionária, no caso de Portugal, e mais evolucionária, no caso da China, ocorridos naquele período. A abertura ao Mundo e a correspondente inserção nas dinâmicas associadas à então ‘jovem’ onda de globalização podem ser consideradas como consequências dessa transformação, partilhadas pelos dois países. Óbvias serão as diferenças de escala, raiz, processo, intensidade, evolução ou alcance dos processos de mudança. Como paradigma da diferença, salienta-se o contraponto entre o fim de um

império colonial e a emergência de um ‘império do meio’ que não tardaria a afirmar-se como uma das mais poderosas e influentes nações do Mundo.

Novas formas de geração, disseminação, armazenamento e utilização de conhecimento configuraram novéis e notáveis laços entre ciência, tecnologia e inovação e entre estas e as dinâmicas de transformação societal que estabeleceram as trajetórias de desenvolvimento dos dois países. Da mudança resultou também o estreitamento das relações bilaterais entre a China e Portugal, velhas de mais de cinco séculos, interrompidas (pelo menos diplomaticamente) pela revolução maoísta de 1949, e reestabelecidas em 1979.

A evolução das relações bilaterais forjou um ‘diálogo’ forte entre as ‘Ciências’ e as ‘Sociedades’ portuguesa e chinesa, tendo, concomitantemente, criado interdependências de vária ordem, todas com grande poder transformativo. Os desafios de natureza académica que podem ser associados a este poder transformativo, sem esquecer a necessidade de sobre ele promover um debate produtivo, constituem o ponto focal desta dimensão temática do Congresso Internacional “Diálogos Interculturais Portugal-China”. Pretende-se suscitar uma abordagem diversa ao tema Ciência e Sociedade, com base em perspectivas de domínios científicos tão diversos como, entre outros, a sociologia, a ciência política, a economia, o planeamento territorial, a geografia e a história.

#### 4. Arte(s) e Design

A abertura da China ao Ocidente, e a sua cooperação com Portugal em particular, permitiu a circulação e a transferência de conhecimentos entre os dois países, designadamente ao nível artístico e cultural. A realização deste Congresso constitui uma possibilidade de concretização de um espaço de discussão e de reflexão interpares e também um lugar de diálogo para as diferentes áreas do conhecimento em trânsito entre os dois países.

Neste painel, Arte(s) e Design surgem com o duplo propósito de incentivar a investigação e a partilha de conhecimento e, simultaneamente, de proporcionar uma abordagem intercultural que cobre um variado conjunto de temas considerados relevantes no panorama atual da investigação e da produção artística. Entre outros domínios: a música, o teatro, a dança, o audiovisual, o multimédia e o design. A produção artística é, neste contexto, encarada como fonte de produção científica, proposta como investigação, quer no domínio teórico (reflexão crítica), quer através da praxis (metodologia artística), como também pela síntese entre arte e ciência preconizada pelo design.

Página do evento: <http://blogs.ua.pt/dialogosipc>

Contacto: [ic-ua-dialogosipc@ua.pt](mailto:ic-ua-dialogosipc@ua.pt)

# comissões

## **Comissão organizadora**

Carlos Morais  
Cheng Cuicui

## **Literatura e Tradução**

António Manuel Ferreira  
Maria Fernanda Brasete  
Ran Mai  
Rosa Lúcia Coimbra

## **Turismo e Cultura**

Carlos Costa  
Armando Vieira  
Elisabeth Kastenholz  
Zélia Breda

## **Sociedade e Ciência**

Carlos Rodrigues  
Maria Luís Pinto  
Gonçalo Santinha

## **Arte(s) e Design**

Graça Magalhães  
Mário Vairinhos  
Nuno Dias  
Shao Ling

## **Secretariado**

Celina Silva



## Comissão científica

Ana Filipa Brandão (DEGEIT, Universidade de Aveiro)  
Ana Maria Ramalheira (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)  
António Graça de Abreu (DCSPT, Universidade de Aveiro)  
António Lázaro (Instituto Confúcio da Universidade do Minho)  
António Valente (DeCA, Universidade de Aveiro)  
Carlos Ascenso André (Universidade de Coimbra e Instituto Politécnico de Macau)  
Catarina Xu (Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai)  
Fernanda Ilhéu (ISEG, Universidade de Lisboa)  
Francisco Providência (DeCA, Universidade de Aveiro)  
Helena Santana (DeCA, Universidade de Aveiro)  
João Nuno Corrêa-Cardoso (Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra)  
José Carlos Seabra Pereira (Universidade de Coimbra)  
Luís Filipe Barbeiro (Instituto Politécnico de Leiria)  
Luís Filipe Barreto (CCCM e Universidade de Lisboa)  
Maria Celeste Eusébio (DEGEIT, Universidade de Aveiro)  
Maria Eugénia Pereira (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)  
Maria João Carneiro (DEGEIT, Universidade de Aveiro)  
Nuno Rosmaninho (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)  
Rosário Pestana (DeCA, Universidade de Aveiro)  
Rui Augusto da Costa (DEGEIT, Universidade de Aveiro)  
Rui Loureiro (Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes & Centro de História  
d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH-UNL / UAç)  
Rui Lourido (Observatório da China)  
Susana Barreto (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto)  
Susana Sardo (DeCA, Universidade de Aveiro)  
Teresa Cid (Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa)  
Wang Suoying (DLC, Universidade de Aveiro)  
Wei Ming (Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra)  
Yao Jing Ming (Universidade de Macau)  
Zhang Yan (Instituto Confúcio da Universidade do Minho)  
Zhu Li (Instituto Confúcio da Universidade de Lisboa)

e todos os membros da Comissão Organizadora





# programa



# Congresso Internacional “Diálogos Interculturais Portugal-China”

Universidade de Aveiro | 15-17 de fevereiro de 2017

## Programa

### 15 de fevereiro – DeCA (edifício 40 da UA)

**8h15** – Receção dos participantes e entrega de documentação

**8h55** – *Música da dança do leão*, por alunos do DeCA

**9h00** – Sessão de abertura (*Auditório do DeCA - CCCI*)

**9h30** – *Diálogos musicais entre a guitarra e a pipa*, por Vítor Castro e Lu Yanan.

Guitarra portuguesa:

*Balada da oliveira* - Pedro Caldeira Cabral

*Verdes anos* – Carlos Paredes

Guitarra portuguesa e Pipa:

*Ó Laurindinha, vem à Janela*

Pipa:

*Noite de luar no Rio Primavera*

*Ofereço-te uma Rosa*

**09h45 - 10h45 – Conferências de Abertura** (*Auditório do DeCA - CCCI*)

*Moderadora: Maria Fernanda Brasete*

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA (Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra):  
*Travessias literárias: da acomodação multicultural à experiência intercultural*

FERNANDA ILHÉU (ChinaLogus / ISEG, Universidade de Lisboa): *A Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI e Perspetivas de Cooperação de Portugal*

**10h45 – Intervalo**

**11h15 – 12h45 – Sessões simultâneas A**

**MESA 1** (*Auditório do DeCA – CCCI*)

*Moderador: António Lázaro*

PAULO SILVA PEREIRA (Universidade de Coimbra – Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas): *Os Jesuítas, a Letra e o Evangelho. Missionaçã, materialidades da escrita e acomodação cultural na China do século XVII*

ISABEL MURTA PINA (Centro Científico e Cultural de Macau): *Escrever sobre a China no século XVII: Álvaro Semedo e a obra Imperio de la China*

RUI D'ÁVILA LOURIDO (Observatório da China): *Preservar o passado, construir o futuro: Narrativas Históricas em Português sobre a China*

**MESA 2** (sala 40.3.09)

*Moderador: António Graça de Abreu*

PAULO SÁ MACHADO (Investigador e ensaísta): *Incursões no mundo da cultura chinesa*

KEVIN CARREIRA SOARES (PIUDHist - ICS-UL): *A criação da Diocese de Macau no contexto da política régia da Coroa Portuguesa para a Ásia do Sueste: projeções e contextos (1576-1623)*

ODETE F. SAMPAIO PEREIRA (Mestre em estudos chineses, Universidade de Aveiro) & ÁLVARO ROSA (ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa): *A influência da filosofia tradicional chinesa no espaço construído*

**MESA 3** (sala 40.3.16)

*Moderador: António Valente*

RUI MANUEL MARTINS DE SOUSA TORRES (Instituto do Oriente, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa): *Identidade e Cinema no tempo da cidade ecrã*

IGOR RAMOS & HELENA BARBOSA (DeCA, Universidade de Aveiro): *Os cartazes dos filmes asiáticos de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata: um estudo comparativo*

MARIA DO CÉU GUERRA (Mestre em Estudos Chineses) & ÁLVARO ROSA (ISCTE/Instituto Universitário de Lisboa): *A Adaptação das marcas ocidentais na transmissão da mensagem publicitária na China*

**14h30 – 16h30 – Sessões simultâneas B**

**MESA 4** (Auditório do DeCA – CCCI)

*Moderadora: Ana Maria Ramalheira*

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA (CLLC/DLC, Universidade de Aveiro): *Encontrar o norte no oriente: alguma poesia de A. M. Couto Viana*

MARIA DO CARMO MENDES (ILCH/CEHUM, Universidade do Minho): *Cores e fragrâncias do Oriente: as Histórias de Macau de Altino do Tojal*

PAULO JORGE TEIXEIRA CAVACO & ROSA MARIA SEQUEIRA (CEMRI, Universidade Aberta): *O Conto dos Chineses de Cardoso Pires: imigrantes chineses na Literatura Portuguesa*

EDUARDO RIBEIRO (jurista, investigador): *Camões e Macau*

**MESA 5** (sala 40.3.09)

*Moderadora: Zélia Breda*

SUSANA BARRETO (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto): *Fading Legacy of the Macanese: Towards a Collective Visual Identity*

RUI PEREIRA (Direção-Geral das Atividades Económicas, Ministério da Economia): *A atual realidade das relações económicas luso-chinesas e perspetivas futuras*

SÉRGIO MARTINS ALVES (Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa): *Portugal-China: Oportunidades e Desafios*

LUÍS FILIPE TOMÁS BARBEIRO (Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria): *Encontros interculturais: Fraturas e continuidades nos diálogos entre estudantes chineses e portugueses*

**16h30 – Intervalo**

**17h00-19h15 – Museu de Aveiro (Santa Joana)**

**17h00** – Espumante de honra

**17h30-18h30 – Sessões plenárias**

*Moderadora: Shao Ling*

**17h30** – MÁRIO JORGE PEIXOTO TEIXEIRA (DeCA, Universidade de Aveiro): *A postura corporal do Taichi aplicada à performance instrumental*

**18h00** – ÉNIO SOUZA (Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança/FCSH/UNL; Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa): *Música chinesa e instrumentos musicais em Portugal (1980-2016)*

**18h45** – Inauguração da *Exposição de instrumentos musicais chineses*



## 16 de fevereiro – DeCA (edifício 40 da UA)

**9h15 - 10h15 – Sessão plenária** (Auditório DeCA – CCCI)

*Moderadora: Maria Teresa Cid*

**9h15** – ZHU YUAN (School of Foreign Languages, Renmin University of China):  
*Classical Translation and Hermeneutic Dimensions*

**9h45** – ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU (DCSPT, Universidade de Aveiro): *1977 a 2017, quatro décadas de atribuições de um Português em viagens por toda, toda a China*

### 10h15-10h45 – Intervalo

Exposição *O encontro das línguas. Tradutores e traduções de escritores portugueses para chinês*

### Sessão de pôsteres

HUGO DEUS MONTEIRO & MICAELA RAMON (ILCH, Universidade do Minho):  
*Contributo das atividades lúdicas para o desenvolvimento de competências comunicativas em Português Língua Estrangeira para estudantes chineses*

RAN MAI (CLLC/DLC, Universidade de Aveiro): *Ensino de Chinês a Falantes de Português*

TANG WENLIN, CARLOS MORAIS & ROSA LÍDIA COIMBRA (DLC, Universidade de Aveiro): *Erros ortográficos na escrita do português por chineses e portugueses*

### 10h45 – 12h30 – Sessões simultâneas C

**MESA 6** (Auditório DeCA – CCCI)

*Moderadora: Maria Teresa Roberto*

ANA CRISTINA ALVES (Universidade de Lisboa): *Tendências na tradução sinológica portuguesa*

WEI MING (Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra): *A criação do conceito intercultural na aula de tradução português-chinês*

VANESSA SÉRGIO (Université Paris Ouest Nanterre La Défense, França): *Ou-Mun Kei-Leok (1950) ou Breve Monografia de Macau (2009): uma obra original e única, traduzida por Luís Gonzaga Gomes e Jin Guo Ping*



**MESA 7** (sala 40.3.09)

*Moderador: Carlos Rodrigues*

VÍTOR RODRIGUES (CETRAD, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), ZÉLIA BREDÁ (DEGEIT, Universidade de Aveiro) & MAFALDA VALÉRIO (Consultora de negócios, no sector do turismo): *Estarão os destinos preparados para o acordar do dragão? Adaptação de serviços e produtos turísticos ao mercado chinês*

ANA MARÍLIA HENRIQUES (DCSPT, Universidade de Aveiro) & ZÉLIA BREDÁ (DEGEIT, Universidade de Aveiro): *Viajantes chineses a nível internacional: A ascensão do turista independente*

JIawei XING (doutoranda, DCSPT, Universidade de Aveiro) & ZÉLIA BREDÁ (DEGEIT, Universidade de Aveiro): *Políticas públicas de turismo na República Popular da China: Uma revisão da sua evolução ao nível do turismo emissor*

JOANA MESTRE COSTA (CLLC, ISCA-UA): *A China na Flora Cochinchinensis de João de Loureiro*

**MESA 8** (sala 40.3.16)

*Moderador: Fernando Martinho*

CARLOS MORAIS & ROSA LÍDIA COIMBRA (DLC/CLLC, Universidade de Aveiro): *Aprendendo português em Portugal: perfil dos alunos chineses do DLC-UA*

CATARINA XU YIXING (Universidade de Estudos Internacionais de Xangai): *A Leitura e o Ensino de PLE*

HAN YING (Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian): *A Importância da Introdução de Conteúdos Culturais e Comunicativos para o Ensino-Aprendizagem de PLE na China*

MICAELA RAMON (ILCH/CEHUM, Universidade do Minho): *Diálogo intercultural Portugal-China. Alguns desafios colocados no âmbito do ensino de PLE a sinofalantes*

**14h00-15h00 – Sessão plenária** (sala 40.3.17)

*Moderadora: Fernanda Ilhéu*

**14h00** – ANTÓNIO DOS SANTOS QUEIRÓS (Centro de Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / Câmara de Cooperação e Desenvolvimento Portugal-China): *O socialismo chinês para o século XXI: O sonho chinês. A china formosa e a nova Rota da Seda para a Paz.*

**14h30** – YAO JING MING (Universidade de Macau): *Entre o possível e o impossível: a tradução de poesia de português para chinês*

**15h00 – 16h30 – Sessões simultâneas D**

**MESA 9** (sala 40.3.17)

*Moderador: António Manuel Ferreira*

DEANA BARROQUEIRO (escritora e investigadora): *Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e outros portugueses na China, o mítico Reino da Perfeição*

MARIA HELENA DO CARMO (escritora e docente de História na Academia Cultural Sénior de Lagoa, Algarve): *O Romance Histórico na Relação Luso-chinesa*

PAULO JOSÉ MIRANDA (escritor): *O problema da identidade humana em Macau ou a experiência de uma existência quântica*

**MESA 10** (sala 40.3.09)

*Moderadora: Maria Luís Pinto*

JORGE TAVARES DA SIVA (DCSPT, Universidade de Aveiro): *As vicissitudes do modelo meritocrático sociopolítico chinês*

CARLA ISABEL FERNANDES (Instituto Português de Relações Internacionais – IPRI-UNL): *Desafios e estratégias da segurança energética Chinesa*

ANABELA RODRIGUES SANTIAGO (Universidade de Aveiro): *A China e a sua nova normalidade à luz do 13.º Plano Quinquenal*

Y PING CHOW (Liga dos Chineses em Portugal): *Os chineses em Portugal*

**MESA 11** (sala 40.3.16)

*Moderadores: Francisco Providência e Mai Ran*

RUI COSTA (DECA, Universidade de Aveiro) & EDUARDO NORONHA (DeCA, Universidade de Aveiro): *Design da China para produção Portuguesa*

BINGMING SUN (Departamento de Arte e Design, Universidade de Yanshan): *Alma da “podridão” – a linguagem artística e o conceito da arte da madeira podre*

LIHUI GUO & MO GUO (doutoranda, DLC-UA): *A beleza da caligrafia chinesa*

**16h30 - 16h50 – Intervalo**

Exposição *Design da China para produção Portuguesa*

Exposição *Caligrafia e pintura chinesas*

**16h50-18h20** – *Workshop de arte chinesa (átrio do edifício 40)*

*Moderadora: Mai Ran*

*Workshop de arte chinesa (pintura e caligrafia) – “Viajando pela cultura chinesa” por BINGMING SUN (Departamento de Arte e Design, Universidade de Yanshan) & LIHUI GUO*

**18h30** – **Espetáculo de teatro**

*ZHENG HE – quando os navios-dragão chegaram, pelo Karin Schäfer Figuren Theater (Áustria)*

**20h45** – Jantar do Congresso



**17 de fevereiro – DeCA (edifício 40 da UA)**

**9h00 – 10h30** – Mesa redonda: *Diálogos Musicais entre Portugal e a China (Auditório do DeCA, CCCI)*

*Moderadora: Helena Santana*

ADRIANO JORDÃO (pianista, fundador do Festival Internacional de Música de Macau)

ABEL MOURA (DeCA, Universidade de Aveiro)

ÉNIO SOUZA (Instituto de *Etnomusicologia* - Música e Dança/FCSH/UNL; Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa)

ISABEL ALCOBIA (DeCA, Universidade de Aveiro)

MÁRIO JORGE PEIXOTO TEIXEIRA (DeCA, Universidade de Aveiro):

SHAO XIAO LING (DeCA, Universidade de Aveiro)

**10h30** – Anúncio dos premiados no Concurso “Lendas da China – Prémio Instituto Confúcio Artes 2016”

**10h45-11h15** – **Intervalo**

Exposição dos trabalhos premiados no *Concurso “Lendas da China – Prémio Instituto Confúcio Artes 2016”*

**11h15-12h45 – Sessões simultâneas E**

**MESA 12** (*Auditório DeCA – CCCI*)

*Moderadora: Rosário Pestana*

ABEL ALEXANDRE MARQUES DE MOURA (DeCA, Universidade de Aveiro): *Introdução e implementação da Música Tradicional Portuguesa em Macau*

DAI DINGCHENG (Macao Polytechnic Institute) & SHAO XIAO LING (DeCA, Universidade de Aveiro): *Introduction of the Catholic music culture in Macao: musical existence in Colégio de São Paulo (1594-1762)*

ISABEL ALCOBIA (DeCA, Universidade de Aveiro) & NAN RI (Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian): *A problemática da vocalidade na canção Chinesa enquanto cantor Europeu*

**MESA 13** (*sala 40.3.09*)

*Moderador: Nuno Rosmaninho*

WANG SUOYING (DLC, Universidade de Aveiro), *Eufemismo na tradução*

MO GUO (doutoranda, DLC-UA): *A porcelana entre dois mundos. Reinterpretações portuguesas da paisagem chinesa shanshui*

JIAQI ZHU (doutoranda, DCSPT, Universidade de Aveiro): *O café e o chá nas culturas da China e de Portugal*

JOÃO MARCELO MESQUITA MARTINS (Universidade do Minho): *O Papel Criador da Deusa Nüwa: O Mito da Criação da Humanidade como Diálogo Intercultural entre China e Ocidente*

**14h45 – Sessão plenária** (*Auditório do DeCA, CCCI*)

*Moderadora: Rosa Lúcia Coimbra*

**14h45** – ELISABETTA COLLA (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa): *Beijing: from city planning to acceptance*

**15h15** – RUI LOUREIRO (Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes & Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH-UNL / UAç): *Impressões da China nos Colóquios dos simples de Garcia de Orta (Goa, 1563)*

## **15h45 – Sessão de encerramento** (Auditório do DeCA, CCCI)

*Moderador: Carlos Morais*

LUÍS FILIPE BARRETO (CCCM e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa):  
*Portugal-China: a Distância que Aproxima*

## **16h15 – Intervalo**

### **16h45 – Sarau Musical**

*Três canções baseadas em poemas de Li Ye*

– *Adeus em uma noite de lua*

– *Canto de Saudade*

– *Doente junto ao lago*

Soprano: Daniela Matos; Piano: Jorge Gonçalves

*Na pradaria da Mongólia Interior*, de Dai Hongwei

*A paz das águas*, de Fernando Lapa

Flauta: Cristiana Acciaiuoli; Piano: Inês Martins

*Water Music for Solo Water Percussion*, de Tan Dun

Percussão: Luís Bittencourt

*Lenda do Dragão e dos 5 elementos*, por Trio de Percussão da UA

Percussão: Micael Lourenço, Pedro Cipriano, David Filipe

*Anos de Esmeralda*, de João Pedro Ferreira

*Homenagem ao Tango*, de Vitorino Matono

Acordeão: Ana Rita Correia, António Graça, Catarina Silva, João Bernardino, Sónia Sobral



## **Atividades paralelas**

**Workshops de arte chinesa (pintura e caligrafia)** – “Viajando pela cultura chinesa”  
por BINGMING SUN (Departamento de Arte e Design, Universidade de Yanshan) &  
LIHUI GUO

**Dia 13 | 10h00-16h00:** Escolas Secundárias Soares Basto (Oliveira de Azeméis) e  
Oliveira Júnior (S. João da Madeira)

**Dia 13 | 18h00-19h00:** Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro.

**Dia 14 | 12h00-13h30:** Escola Secundária D. Duarte (Coimbra)

**Dia 14 | 15h10-16h10:** Instituto Duarte Lemos (Águeda)

**Dia 14 | 18h00-19h00:** Instituto Confúcio da Universidade de Aveiro (formação de professores de Chinês)

**Dia 15 | 11h50-13h15:** Escola Secundária José Estêvão (Aveiro)

**Workshops de música e de instrumentos chineses**, por ÉNIO SOUZA (Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança/FCSH/UNL; Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa)

Museu de Aveiro (Santa Joana) | 21-23 de fevereiro de 2017:

14 oficinas para alunos do ensino básico e secundário da região, Universidade Sénior (academia de saberes) e Sociedade Musical Santa Cecília

**Espetáculos de teatro – ZHENG HE – quando os navios-dragão chegaram**, pelo Karin Schäfer Figuren Theater (Áustria)

**Dia 15 | 14h30:** Casa da Criatividade (S. João da Madeira), para alunos do ensino básico de S. João da Madeira

**Dia 17 | 14h30:** Multimeios de Espinho, para alunos do ensino básico de Espinho.



# resumos





## **Abel Alexandre Marques de Moura**

(DeCA, Universidade de Aveiro)

### *Introdução e implementação da Música Tradicional Portuguesa em Macau*

**Palavras-chave:** Portugal, China, Macau, Música, Ensino, Tradição.

Com o objetivo de divulgar de uma forma fidedigna e rigorosa a Música Tradicional Portuguesa no Oriente, através da dança, música e cantares das várias regiões de Portugal, solicitou-me o Senhor Governador de Macau, General Rocha Vieira, que mantivesse viva a experiência demonstrada no Palácio de Santa Sancha em janeiro de 1991 por dois anos. Compromisso aceite e garantia dada que seria por mais tempo.

A apresentação relata a forma como foi feita a introdução e divulgação da Música Tradicional Portuguesa em Macau, a partir do final dos anos 80, quais os pressupostos e a formação no terreno, como foi possível implementar uma prática que ainda hoje perdura, quais os meios utilizados, os intervenientes, as estratégias e a envolvimento que levaram à prossecução do desiderato assumido.

## **Ana Cristina Alves**

(Universidade de Lisboa)

### *Tendências na tradução sinológica portuguesa*

**Palavras-chave:** Sinologia, tradução, tradutores portugueses, cultura chinesa, cultura portuguesa.

Serão abordadas as tendências da tradução sinológica portuguesa, procurando responder às seguintes questões: quais têm sido as áreas privilegiadas da tradução chinês-português?

A que ramos do saber estiveram ligadas as primeiras traduções?

Mantém-se a tendência tradicional na tradução sinológica ou atualmente verifica-se um alargamento dos campos tradutórios?

Por fim tenta-se indagar qual a razão ou as razões que justificam ainda hoje serem privilegiadas as traduções nas áreas da língua, da literatura e da filosofia.

## **Ana Marília Henriques**

(DCSPT, Universidade de Aveiro)

## **Zélia Breda**

(DEGEIT, Universidade de Aveiro)

### *Viajantes chineses a nível internacional: A ascensão do turista independente*

**Palavras-chave:** Turismo emissor, turistas chineses, turista independente, características e motivações, Portugal.

A China representa, desde 2012, o maior mercado emissor de turistas do mundo e tornou-se, a partir de então, igualmente o país cujos nacionais mais dinheiro gastam em destinos estrangeiros. A ascensão da China até ao cume na cena do turismo internacional foi bastante rápida, tendo em conta que, só a partir da década de oitenta do século XX, o governo comunista chinês começou a permitir, com passos tímidos, visitas ao exterior, em contexto de lazer.

Com este trabalho, pretende-se fazer uma caracterização do turismo emissor chinês, através da contextualização histórica das principais etapas do seu desenvolvimento, desde a instauração da República Popular, em 1949, tentando-se sobretudo retratar o turista chinês nos seus principais comportamentos, motivações e expectativas. Foi dado particular destaque ao turista chinês que viaja de modo independente (*Free Independent Traveller*), uma vez que esta é a modalidade mais recorrente junto das classes mais abonadas financeiramente e das gerações mais jovens. Este tipo de turista internacional é bastante apetecível, não só pelo seu poder aquisitivo, mas por representar o futuro do país com a maior população e a segunda maior economia do mundo.

Portugal, como destino, representa ainda um mercado de pequena dimensão (pouco mais de 1%) relativamente ao resto da Europa, mas tem vindo a registar taxas de crescimento verdadeiramente impressionantes relativamente à visita de turistas chineses. A apetência pelo mercado chinês exige o seu conhecimento e a adaptação dos produtos turísticos. Em Portugal, já se verifica esta realidade de adaptação, junto de alguns operadores turísticos e comércio de luxo, mas este é um esforço que exige um conhecimento contínuo do mercado.

## **Anabela Rodrigues Santiago**

(Universidade de Aveiro)

### *A China e a sua nova normalidade à luz do 13.º Plano Quinquenal*

**Palavras-chave:** Nova normalidade, plano quinquenal, *Middle Income Trap*, inovação, equidade social, socialismo de mercado.

Num contexto de uma economia em mudança à escala mundial, a República Popular da China tem vindo a encetar medidas, particularmente através das linhas orientadoras dos seus Planos Quinquenais, que reorientam a sua política económico-social. Elas fazem parte de um conjunto de ações que formam aquilo a que o Governo chinês chama de “nova normalidade”.

Com efeito, 2016 marcou a entrada em vigor do 13.º Plano Quinquenal do Partido Comunista Chinês que vigorará até 2020.

Este Plano Quinquenal assenta em dois conceitos fundamentais que são:

- o do desenvolvimento baseado simultaneamente na inovação e pesquisa científica e na proteção ambiental, almejando um crescimento dito sustentável a longo prazo;
- o da equidade social com desenvolvimento baseado no povo (urbanização, aprofundamento de reformas estruturais, acesso à educação, segurança social, apoio à velhice, saúde, etc.).

Relativamente ao primeiro aspeto, a aposta num crescimento sustentável prende-se com a necessidade de manter o nível de crescimento atingido, implicando isso uma

subida na cadeia de valor dos produtos que a China lança para o mercado. A aposta em produtos de maior valor acrescentado há muito que se faz sentir. As áreas de investimento do capital chinês são por isso mais específicas, orientadas para setores virados para a pesquisa científica e o avanço tecnológico.

O segundo aspeto prende-se com a entrada da economia chinesa na chamada "nova normalidade". O país almeja erradicar a pobreza de toda a população até 2020. O presidente Xi Jinping reconhece que esse será o maior desafio deste Plano Quinquenal, mas já tem planos para melhorar as infraestruturas das áreas rurais. A melhoria dos serviços como segurança social, cuidados de saúde e educação também é uma prioridade.

A minha comunicação assentará nesta temática e terá como objetivo elucidar com mais detalhe em que consiste essa nova normalidade e o que podemos esperar dela.

## **António dos Santos Queirós**

(Centro de Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/ Câmara de Cooperação e Desenvolvimento Portugal-China)

*O socialismo chinês para o século XXI:  
O sonho chinês. A china formosa e a nova Rota da Seda para a Paz*

**Palavras-chave:** China, Portugal, política, socialismo, Rota da Seda.

Da Nova China à construção por etapas do socialismo chinês.

Reforma e abertura: O sistema de poder assente na aliança e na consulta entre o PCCh e os partidos democráticos e na representação política através das Assembleias Populares. Os cinco princípios da coexistência pacífica e a unificação da China segundo o princípio “um país, dois sistemas”.

O desenvolvimento do conceito de “economia socialista de mercado” e a sua evolução prática.

A importância do 18.º Congresso do PCCh. A consigna “O sonho Chinês”. As diretrizes para o “ progresso ecológico” e para a estratégia de desenvolvimento sustentável. “A China formosa”, “ o império da lei” e o combate à corrupção.

Da consigna “Que cem flores desabrochem e cem escolas rivalizem”, ao emergir dos *Chinese think-tankers and political theorists*.

A Nova Rota da Seda para a Paz e a importância estratégica de Portugal.

## **António Graça de Abreu**

(DCSPT, Universidade de Aveiro)

*1977 a 2017, quatro décadas de atribulações de um  
Português em viagens por toda, toda a China*

**Palavras-chave:** Viajar, descobrir, tentar entender a China.

Chegado à China em Setembro de 1977, com trinta anos de idade, para trabalhar na secção portuguesa das Edições de Pequim em Línguas Estrangeiras -- onde permaneci laborando durante quatro anos e meio --, iniciava-se nova vida que passava inevitavelmente por viajar pelo velho Império do Meio. Quinze dias após a minha chegada, estava em Dazhai大寨, na província de Shanxi, então bandeira vermelha da agricultura na China.

Depois foram anos e anos de infindáveis viagens pelo Império, da Manchúria a Lijiang, no alto Yunnan, de Macau à Mongólia Interior, de Shandong (onde me nasceu um filho!) ao muçulmano Xinjiang, de Taiwan à região autónoma de Ningxia, do Tibete a Xangai (onde casei com uma mulher chinesa!). Todas as 22 províncias, 5 regiões autónomas, 4 municípios centrais, mais Macau, Hong e Taiwan, tudo foi visitado e revisitado.

Vivências pessoais mas, mais importante, ter o privilégio de acompanhar as grandes transformações na China nestes últimos quarenta anos. Olhar todas as paisagens, tentar entender os homens.

Vamos falar da viagem, da dureza e fascínios dos quotidianos, da China multifacetada e eterna, com a exaltação da Natureza, as cidades poluídas, as montanhas e os rios, a sabedoria milenar, o simples e complexo fluir dos homens por dentro do mundo chinês.

Com um *power point*, para olhar as serenas ou tempestuosas imagens dos lugares, do perpassar do tempo, com alguns poemas dos maiores poetas chineses, na minha ousada tradução portuguesa, e algumas das minhas melhores fotos de 40 anos de jornadas pelo império. Tudo, toda a China, na companhia do singular povo chinês.

## **António Manuel Ferreira**

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Encontrar o norte no oriente: alguma poesia de A. M. Couto Viana*

**Palavras-chave:** Couto Viana, poesia portuguesa, oriente, patriotismo.

António Manuel Couto Viana (1923-2010) é um dos poetas mais singulares da poesia portuguesa novecentista. Alheio a modismos literários, construiu um percurso poético fortemente pessoalizado, desde a obra inaugural – *O Avestruz Lírico* (1948) – até aos desencantados textos da velhice. Pelo meio, destacam-se livros como o magnífico *Café de Subúrbio* (1991) e o polémico *No Oriente do Oriente* (1987), que provocou um estranho conflito com algumas autoridades político-culturais de Macau.

Monárquico, católico e serenamente antirrevolucionário, Couto Viana é herdeiro, ao mesmo tempo, das frágeis grandezas camonianas e das íntimas dilacerações de António Nobre. Nos vários textos que escreveu acerca do Oriente, o poeta é sempre fiel à sua cosmovisão.

## **Bingming Sun**

(Departamento de Arte e Design, Universidade de Yanshan)

*Alma da “podridão” – a linguagem artística  
e o conceito da arte da madeira podre*

**Palavras-chave:** Madeira podre, transportador, agente intermediário, terceira vida, herdar e transmitir, substâncias imaginárias.

Baseando-se na sua investigação durante longos anos sobre a arte de “madeira podre”, o autor, através deste trabalho, faz comentários, a partir de vários ângulos, sobre o uso da linguagem, a escolha de transportadores e o significado implícito da arte de “madeira podre”. E na sua prática de criação artística com madeira podre, tem usado vários transportadores para concretizar o encontro entre a arte tradicional e a arte moderna, introduzindo na arte a profunda cultura tradicional. Ao mesmo tempo, tem introduzido na sua criação de obras de madeira podre, a comunicação entre a natureza e a qualidade de design das substâncias imaginárias. Partindo dos pontos básicos singulares, promove desenvolvimento e extensão, passeando pelo imenso campo da arte de “madeira podre”, à procura de um caminho de exploração.

## **Carla Isabel Fernandes**

(Instituto Português de Relações Internacionais – IPRI-UNL)

*Desafios e estratégias da segurança energética Chinesa*

**Palavras-chave:** Segurança energética, RPC, desafios, estratégias, OBOR, cooperação.

A segurança energética é uma questão-chave na agenda política internacional, um pré-requisito para a estabilidade política e para o desenvolvimento económico e uma parte indivisível da segurança de um Estado. Para a República Popular da China (RPC), a segurança energética é de interesse vital para o seu desenvolvimento económico, para a estabilidade política e social e, sobretudo, para sua segurança nacional.

Além de ser a segunda maior economia do mundo, a RPC é também o segundo maior importador e consumidor de energia. O risco de interrupções no fornecimento devido à pirataria, ao terrorismo, à volatilidade dos preços e a um possível embargo de energia, incluindo a possibilidade de alguns grandes poderes explorarem a grande dependência do transporte marítimo pelo Estreito de Malaca, faz com que a sua necessidade contínua de importações de energia seja considerada uma vulnerabilidade estratégica para as autoridades chinesas.

Para os analistas ocidentais, a grande preocupação foca-se nas implicações internacionais que podem resultar da grande dependência energética chinesa, em especial para o mercado de energia e para os países produtores e consumidores. Nesta apresentação, iremos analisar os principais desafios e estratégias à segurança energética (*negyuan anquan*) chinesa. Internamente, Pequim está a desenvolver estratégias a nível institucional, de consumo e de abastecimento, que incluem uma variedade de medidas, como a diversificação do mix energético, o desenvolvimento da produção *onshore* e *offshore*, o estabelecimento de reservas estratégicas de petróleo e de gás e o

investimento na energia renovável. Externamente, a RPC está a desenvolver uma intensa diplomacia energética junto dos países produtores, com o objetivo de diversificar as rotas de transporte energético e garantir contratos de fornecimento a longo prazo. Dentro das medidas externas, iremos realçar a estratégia *Going Out* (*zou chu qu*) e a iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” [*yidai yilu* - OBOR na sigla inglesa]”.

## **Carlos Morais**

### **Rosa Lúcia Coimbra**

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

*Aprendendo português em Portugal: perfil dos alunos chineses do DLC-UA*

**Palavras-chave:** PLE, alunos chineses, Portugal, ensino de língua.

Nos últimos anos, a Universidade de Aveiro (UA) tem vindo a ser escolhida por alunos chineses de cursos de línguas com a componente de língua portuguesa para aperfeiçoar as suas competências linguísticas e frequentar cursos de licenciatura e mestrado no Departamento de Línguas e Culturas (DLC) desta universidade.

No corrente ano letivo (2016-2017), o DLC ofereceu, pela primeira vez, um mestrado na área de Português Língua Estrangeira/ Língua Segunda (MPLE/PL2), que foi imediatamente procurado por estes alunos, nomeadamente os provenientes de universidades chinesas com os quais a UA tem protocolos.

Na qualidade de responsáveis por este mestrado, interessou-nos apurar o perfil dos alunos chineses que estudam no DLC, a fim de melhor atendermos às suas necessidades e expectativas. Nesse sentido, elaborámos e passámos um inquérito a três turmas com alunos chineses: 3.º ano de licenciatura em Línguas, Literaturas e Culturas (LLC), 1.º ano do MPLE/PL2 e 2.º ano do mestrado em LLC. São os resultados obtidos através da análise às respostas desse inquérito que apresentaremos na nossa comunicação.

## **Catarina Xu Yixing**

(Universidade de Estudos Internacionais de Xangai)

*A Leitura e o Ensino de PLE*

**Palavras-chave:** Ensino de PLE, China, leitura.

O ensino de PLE na China encontra-se neste momento numa fase de expansão, sendo quase o triplo o número de instituições onde se ensina PLE, em comparação com há cerca de dez anos atrás. Chega a altura de discutir como é que se pode elevar a qualidade de ensino, em vez da necessidade de abertura do curso.

A leitura, tanto em língua materna como em língua estrangeira, constitui um recurso indispensável para obtenção de conhecimentos. Chamamos atenção aos alunos para a leitura desde o início de aprendizagem de PLE, mesmo que seja uma leitura em língua materna, mas acerca da língua e sobretudo das culturas dos países de língua

oficial portuguesa. Desta forma, os alunos vão criando hábito de leitura e ao mesmo tempo adquirindo alguns conhecimentos relacionados com o que aprendem, a fim de combinar bem o conteúdo de leitura com os conhecimentos linguísticos.

Para que se promovam atividades de leitura, os professores têm de aproveitar todo o tipo de meios que interessem aos alunos. Assim, a leitura ajudará, sem dúvida nenhuma, a aprendizagem de PLE e ajudará a efetivar o nosso ensino.

## **Dai Dingcheng**

(Macao Polytechnic Institute)

## **Shao Xiao Ling**

(Aveiro University)

*Introduction of the Catholic music culture in Macao:  
musical existence in Colégio de São Paulo (1594-1762)*

**Key-words:** Macao, Portugal, Colégio de São Paulo, Musical existence, Catholic Music culture, Music history.

The introduction of the Catholic music culture in Macao has been noted since the mid-16th century, when Macao became the gateway for Europeans to enter China. One of the testimonies of this musical history was the arrival of the Portuguese in Macao and the foundation of the college of the Jesuits – Colégio de São Paulo (1594-1762). This stage with the embryonic presence of Catholic music was the most significant musical clue we can trace for the time. In addition, the historical evidence of such music and its unrivalled presentation in Chinese diaspora draw attentions to itself as a rich local tradition and one of the important non-material cultural properties.

Our research therefore aims to unveil the musical existence in the Colégio de São Paulo, explore its initial creation, the contribution to the local musical knowledge and their extension to China continent. All of these components could be seen as a reflection of the flourishing Catholic liturgical music at the time and serve as evidence of the Sino-Western music exchange status quo, in the very initial stage.

## **Deana Barroqueiro**

(escritora e investigadora)

*Peregrinações de Fernão Mendes Pinto e outros portugueses  
na China, o mítico Reino da Perfeição*

**Palavras-chave:** China, século XVI, utopia, descobrimentos, peregrinação, Fernão Mendes Pinto, romance histórico.

Realidade e ficção. A utopia de um mundo perfeito, onde imperava a civilização, a abundância, a justiça e a piedade, encarnada na China, uma imagem que os portugueses vão promover na Europa do Século XVI, em substituição dos mitos medievais do «paraíso terreal» e o «reino do Preste João» – muito abalados pela

realidade dos Descobrimentos –, através da vivência e relatos, orais ou escritos, de corsários e prisioneiros como Galeote Pereira ou Fernão Mendes Pinto, entre outros, também eles personagens da História e da Literatura, em suma, matéria-prima para romance histórico.

## **Eduardo Ribeiro**

(jurista, investigador)

### *Camões e Macau*

**Palavras-chave:** Camões, Macau, exames imperiais, Muralha da China, Lusíadas, Adamastor.

Camões viveu dois anos na China, entre 1562 e 1564, no estabelecimento português de Macau, quando a pequena aldeia de pescadores chineses começava a surgir como o porto privilegiado de articulação dos negócios das parcerias sino-lusonipónicas, após o acordo informal de 1574 entre o capitão-mor Leonel de Sousa e o Haitão de Guangdong. Vamos tentar identificar as influências dessa presença do nosso Poeta na periferia do Império do Meio.

## **Elisabetta Colla**

(Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

### *Beijing: from city planning to acceptance*

**Keywords:** Beijing city planning, Ming dynasty, propaganda, visual culture.

Beijing was chosen as capital of the Ming dynasty and proclaimed as such in 1421 by order of Yongle Emperor. Since then it has remained the capital of China. This paper will be divided into two parts: one will focus on the construction and planning processes occurred during the so called "second founding of Ming dynasty"; the other will analyze the propaganda mechanisms promoted by Yongle emperor in order to assure the acceptance of the new capital. The topic will be analyzed in a multidisciplinary way integrating visual culture and history and focusing on the importance of images and artefacts as propaganda tools during Ming dynasty.



## Énio Souza

(Instituto de Etnomusicologia - Música e Dança/FCSH/UNL; Centro Científico e Cultural de Macau, Lisboa)

*Música chinesa e instrumentos musicais em Portugal (1980-2016)*

**Palavras-chave:** Relações Portugal-China, fontes portuguesas, música chinesa, instrumentos musicais chineses, coleções portuguesas, iconografia.

No ano de 2013, completaram-se cinco séculos de relações políticas, comerciais e culturais entre Portugal e a China. Ao longo deste período, a par de outras mercadorias, um considerável número de instrumentos musicais chineses também vieram para Portugal.

Pretendo com esta comunicação informar aos especialistas, musicólogos, etnomusicólogos e investigadores da área que Portugal tem um considerável acervo de instrumentos musicais chineses, distribuídos por diversas coleções públicas e privadas. O património musical chinês em Portugal é rico e consistente, mas lamentavelmente não há estudos sistemáticos nesta matéria. Mesmo em universidades, que integram um departamento de música, verifica-se a inexistência de uma disciplina ou de um seminário relacionados, diretamente, com a música e os instrumentos musicais chineses.

Iniciámos, em novembro de 2011, o levantamento organológico chinês existente em Portugal e, até fevereiro de 2015, em seis coleções circunscritas a Lisboa, fora já possível localizar cerca de quatro centenas de instrumentos musicais chineses.

Este inventário abre, ainda, uma nova via de investigação mais abrangente, que é da identificação iconográfica de instrumentos musicais chineses em objetos de tipologias diversas, no quadro das artes em Portugal. Este trabalho poderá vir a ser um contributo importante para a reconstituição de cenas do quotidiano chinês no qual a música desempenha um papel de destaque.

Se pretendemos estar atualizados no domínio dos Estudos Asiáticos, com especial destaque para a China, a sua música e respetiva organologia, torna-se imprescindível a criação de redes científicas com países asiáticos e ocidentais que detêm, há muito, competências nesta matéria.

## Fernanda Ilhéu

(ChinaLogus/ISEG/Universidade de Lisboa)

*A Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI e  
Perspetivas de Cooperação de Portugal*

**Palavras-chave:** Cadeias de valor global, OBOR, IDE, comércio.

A China tem dado um contributo fundamental para o presente processo de globalização, e tem também beneficiado grandemente dele. Nos primeiros 30 anos do seu modelo de desenvolvimento a China teve um papel que se pode considerar passivo nesse processo, compreendeu que para se desenvolver necessitava de atrair Investimento Directo Estrangeiro (IDE) que lhe levasse o capital, a tecnologia e os mercados que a China não tinha e para isso tomou medidas políticas que tornassem a

China atrativa para esses investidores: A China esperou integrar a cadeia de valor global criando vantagens específicas locais, que justificassem a sua escolha como local de produção mundial e teve sucesso tornando-se na fábrica do mundo, no estádio final das cadeias de valor global dos networks de produção da Ásia. A atracção de IDE em indústria ligeira de mão-de-obra intensiva orientada para a exportação foi o passaporte para a China ultrapassar o seu atraso milenar e retirar da linha de pobreza absoluta cerca de 600 milhões de pessoas. O mundo descobriu a China e tirou partido das vantagens competitivas locais que esta oferecia em termos produtivos e a China soube aproveitar essa corrente. Em 1978/1979 quando Deng Xiao Ping iniciou as políticas das “4 Modernizações” e da “Reforma e Porta Aberta” o rendimento per capita era de US\$182, em 2015 esse rendimento era de US\$ 7900 resultado de taxas de crescimento anual médio de 9,9% durante mais de 30 anos. Esta estratégia aceitava que o valor acrescentado que ficava na China embora muito pequeno era muito importante. A China monitorizou todo este processo com outras medidas que se foram mostrando fulcrais para orientar a economia e o IDE da forma que os planos quinquenais previam, medidas como “Guarda as grandes (empresas) deixa ir as pequenas” a “Economia Socialista de Mercado” “Go West” e “Go Global” foram tomadas nos anos 80 e 90. Nesta primeira fase da globalização da China pode dizer-se que o *big push* se deu em 2001 quando a China aderiu à Organização Mundial de Comércio.

Podemos dizer que nessa altura uma nova ordem económica global começou colocando a China no centro do Mundo.

Agora a China sente que por ser a 2ª Economia do Mundo tem a obrigação moral de ativamente contribuir para um novo modelo de desenvolvimento da economia global uma vez que a China e o Mundo são interdependentes e na visão chinesa, um modelo económico mais integrado e controlado globalmente, onde ela deverá ter mais responsabilidade ajudará o mundo a ultrapassar o impacto da crise de 2008 ainda a sentir-se, e as mudanças complexas e profundas a nível mundial que se estão a verificar e a destabilizar o equilíbrio global. De facto a economia mundial recupera muito lentamente, o desenvolvimento global é muito desigual e muitos países encontram dificuldade no seu desenvolvimento. A própria China enfrenta presentemente desafios grandes como; desaceleração económica, alta tensão sobre o crescimento económico, liquidez massiva aplicada em economia especulativa, bolha imobiliária, excesso de capacidade no setor industrial (principalmente ligado à construção) e créditos bancários mal parados. A China faz questão de lembrar em vários fóruns e publicações que vê esta sua contribuição com respeito dentro de um consenso político e moral de como os diferentes países e diferentes grupos étnicos podem coexistir e cooperar pacificamente nesse projeto global. Os economistas chineses e o governo chinês, consideram que uma Grande Nação tem um Grande Sonho e estão confiantes que o seu contributo para a resolução destes problemas pode ser importante e afirmam que o seu contributo se fará dentro do ideal Confuciano de Harmonia e não Uniformidade, no fundo permitirá alcançar um Mundo Harmonioso, uma Sociedade Harmoniosa.

Para potenciar esta nova fase de globalização a China lançou uma iniciativa muito ambiciosa Uma Faixa Uma Rota e a Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI, que foi anunciada pelo presidente Xi Jinping em 2013.

De acordo com o documento “Vision and Actions in Jointly Building Silk Road Economic Belt and 21st Century Maritime Silk Road” que estrutura esta iniciativa e que foi emitido pela National Development and Reform Commission do Ministério do Comércio RPC “*Esta iniciativa capacitará a China a expandir e aprofundar mais a sua abertura, e a fortalecer a sua cooperação mutuamente benéfica com países na Ásia, Europa e África e o resto do mundo*”. A cooperação no investimento e no comércio é

uma tarefa prioritária na implementação deste projeto e a remoção de barreiras ao investimento e ao comércio entre países e regiões com a abertura de zonas livres de comércio são objetivos prioritários para potenciar a expansão da cooperação ao nível global, estamos a falar de uma nova fase da globalização mundial mas também de um novo papel da China no mundo que deixará assim de ter um papel passivo nessa globalização e passará a ativo dinamizador.

Colocam-se as seguintes questões de pesquisa:

- Quais são os objetivos da Cooperação Económica da iniciativa Uma Faixa Uma Rota?
- Como é que Portugal se pode posicionar na Nova Rota da Seda Marítima do Século XXI?

## **Han Ying**

(Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian)

### *A Importância da Introdução de Conteúdos Culturais e Comunicativos para o Ensino-Aprendizagem de PLE na China*

**Palavras-chave:** Ensino de PLE na China, cultura, comunicação.

A língua e a cultura são indissociáveis, na medida em que a língua é um fenómeno cultural. Neste contexto, a transmissão dos aspetos sociais e culturais que enformam a língua estrangeira é decisiva no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

A cooperação e o intercâmbio internacionais têm-se vindo a intensificar em áreas tão abrangentes como a área comercial, financeira, industrial, cultural, política, científica, entre outras igualmente fundamentais. Neste processo, a compreensão, a comunicação, a tolerância e o respeito pelo outro desempenham um papel determinante. Aprender uma língua estrangeira implica conhecer um novo país onde é falada a língua-alvo, promovendo a compreensão e a comunicação.

Num contexto de crescente cooperação entre a China e os países de língua portuguesa, o ensino de Português Língua Estrangeira (PLE) tem-se desenvolvido de uma forma muito rápida na China continental, nos últimos 15 anos, registando progressos visíveis a vários níveis. No entanto, enfrenta também vários desafios, entre os quais se destaca uma introdução pouco visível de conteúdos culturais e comunicativos adequados aos processos de ensino-aprendizagem. Atualmente, com a “Estratégia – Uma Faixa, Uma Rota” da China, desenvolver a competência comunicativa intercultural dos alunos chineses torna-se cada dia mais importante, e, por isso, introduzir de forma apropriada os conteúdos culturais e comunicativos para os alunos chineses merece uma atenção especial.

O presente discurso visa determinar vários aspetos característicos de uma determinada sociedade europeia e da sua cultura e as principais áreas temáticas de comunicação, identificar a forma adequada e representativa de mostrar aos aprendentes a cultura estrangeira, discutir como apresentar os conteúdos comunicativos aos aprendentes e melhorar a eficiência e a qualidade dos cursos de Licenciatura em Língua Portuguesa na China.

**Hugo Deus Monteiro**  
**Maria Micaela Dias Pereira Ramon Moreira**  
(Universidade do Minho)

*Contributo das Atividades Lúdicas para o Desenvolvimento de Competências Comunicativas em Português Língua Estrangeira para Estudantes Chineses*

**Palavras-chave:** Atividades lúdicas, jogos didáticos, português língua estrangeira, estudantes chineses, comunicação intercultural, competências linguísticas.

A língua portuguesa é uma língua com cada vez mais relevância no panorama do ensino de línguas estrangeiras na China. Como tal, de modo a obter os melhores resultados possíveis e a criar falantes com boas competências nesta língua, é importante estimular um desenvolvimento progressivo das técnicas de ensino através de novas abordagens e da sua adaptação aos alunos alvo. Com este objetivo em mente, as atividades lúdicas surgem como um utensílio didático com o potencial de estimular o ensino do português e de atender a algumas necessidades específicas dos alunos chineses. Com o propósito de averiguar até que ponto a implementação de atividades lúdicas nas aulas de língua portuguesa com alunos chineses tem um efeito positivo no desenvolvimento das suas competências linguísticas e das suas atitudes em relação à aprendizagem, foram experimentadas diversas atividades com alunos do primeiro ano de português da Universidade de Sun Yat-sen na China.

**Igor Ramos**  
**Helena Barbosa**  
(DeCA, Universidade de Aveiro)

*Os cartazes dos filmes asiáticos de João Pedro Rodrigues  
e João Rui Guerra da Mata: um estudo comparativo*

**Palavras-chave:** História do design, cartaz, cinema português, Macau.

Num momento em que a cinematografia nacional apresenta indícios de uma (re)descoberta do Oriente, João Pedro Rodrigues (n. 1966) e João Rui Guerra da Mata (n. 1966) emergem como pioneiros deste movimento com os seus “filmes asiáticos” que abordam, desde 2007, as dinâmicas socioculturais entre Portugal e o Oriente, com especial enfoque na ex-colónia de Macau. O presente artigo evoca esta obra cinematográfica dedicada ao Oriente por intermédio dos respectivos cartazes, procurando compreender o diálogo que estabelecem entre si, com os filmes que anunciam e com o público.

A visualização dos filmes (uma longa-metragem e quatro curtas), permitiu a realização de uma análise formal e contextual dos seus cartazes auxiliada pelos testemunhos de Guerra da Mata e de Luís Alegre (n. 1969), designer responsável pela concepção gráfica do cartaz em quatro dos cinco filmes.

A presença de um elemento visual que de imediato os contextualiza em termos temáticos e indicia a conexão ao Oriente torna-os distintivos: seja através da imagem, da tipografia utilizada no título do filme ou da tipografia a assumir valor de imagem fruto

da grafia dos caracteres em mandarim. Esta e outras estratégias de comunicação são analisadas no corpo do artigo procurando pontes de ligação e referências recorrentes entre cartazes. Reconhece-se nestas obras uma janela de diálogo visual onde o cinema e o design possibilitam a aproximação de povos e culturas que, embora muitas vezes coexistindo num mesmo espaço geográfico, não convivem nem se compreendem.

## **Isabel Alcobia**

(DeCA, Universidade de Aveiro)

## **Nan Ri**

(Universidade de Línguas Estrangeiras de Dalian)

*A problemática da vocalidade na canção Chinesa enquanto cantor Europeu*

**Palavras-chave:** Produção do som, voz, vocalidade, articuladores, fonética da língua chinesa.

A produção do som, tanto na voz falada como cantada, depende do funcionamento conjunto de diversos órgãos. Dentro destes existe um grupo específico a que chamamos articuladores, a língua, os lábios, o palato mole e o maxilar inferior, que desempenham um papel fulcral na produção e projeção dos diversos sons que são emitidos.

Na interpretação de obras vocais em diferentes línguas, o cantor tem a necessidade de se ajustar à sonoridade própria de cada idioma. As características específicas de cada língua obrigam a um ajustamento dos articuladores, pois o cantor, quando não se trata da sua língua materna, tem de produzir fonemas que a sua memória muscular não reconhece de uma forma automática.

Para o cantor europeu, a fonética da língua chinesa levanta ainda maiores problemas pois, nalguns casos, um mesmo fonema pode ter entoações ligeiramente diferentes. O presente artigo pretende refletir sobre a complexidade que o cantor europeu encontra na adaptação à vocalidade da língua chinesa e a importância que os articuladores têm nesse processo de adaptação.

A complexidade e distinção em alguns fonemas desta língua e com os quais o cantor europeu não está normalmente familiarizado, obriga-o a um reajustamento no seu trato vocal de forma a que o texto fique perceptível e a voz livre de quaisquer tensões.

## **Isabel Murta Pina**

(Centro Científico e Cultural de Macau)

*Escrever sobre a China no século XVII:  
Álvaro Semedo e a obra Imperio de la China*

**Palavras-chave:** China, Álvaro Semedo, *Imperio de la China*, jesuítas, dinastia Ming, edição.

Em 1642, saía do prelo, em Madrid, uma nova obra dedicada à China. Intitulada *Imperio de la China y Cultura Evangelica en él*, era assinada pelo jesuíta português Álvaro Semedo (1585-1658), então enviado à Europa, na sua função de procurador (ou representante) da missão da China. Preparado em parceria com o escritor português Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), o novo livro disponibilizava, em língua castelhana, um significativo conjunto de informação actualizada sobre a China dos finais da dinastia Ming. O interesse que o mesmo suscitou fica patente na sua rápida tradução para língua italiana, francesa e inglesa, e nas oito edições que conheceu ainda no século XVII. Nesta comunicação, é nosso objectivo analisar a imagem da China transmitida por esta obra, o contributo da mesma no processo de aprofundamento do conhecimento europeu sobre o Império Ming, assim como a própria evolução do texto ao longo das suas diferentes edições.

## **Jiaqi Zhu**

(doutoranda, DCSPT, Universidade de Aveiro)

*O café e o chá nas culturas da China e de Portugal*

**Palavras-chave:** Relações interculturais, histórias, chá, café, Portugal, China.

O presente estudo pretende estudar a cultura do café e do chá na China e em Portugal, através da análise das culturas, especialmente das histórias e das casas de chá na China e dos cafés de Portugal durante os séculos XVII a XX. O trabalho analisa as histórias das duas bebidas e as casas de chá da China, assim como os cafés de Portugal de modo a conhecer as semelhanças e as diferenças entre estas duas culturas. O trabalho mostra ainda o lugar ocupado pelo chá e pelo café nas culturas da China e de Portugal e salienta a ligação entre estas duas culturas.

## **Jiawei Xing**

(doutoranda, DCSPT, Universidade de Aveiro)

## **Zélia Breda**

(DEGEIT, Universidade de Aveiro)

*Políticas públicas de turismo na República Popular da China:  
Uma revisão da sua evolução ao nível do turismo emissor*

**Palavras-chave:** Políticas públicas, turismo emissor, governo chinês, evolução, diplomacia.

O turismo emissor chinês tem crescido muito nos últimos anos, tendo o crescimento da economia nacional contribuído, de uma forma significativa, para o seu desenvolvimento. Para além disso, o governo chinês, assim como outras entidades públicas relacionadas com o sector do turismo, tem também desempenhado um papel importante, nomeadamente no planeamento, gestão e regulamentação do turismo emissor. O presente trabalho pretende analisar, com base numa recolha das políticas

lançadas pelo Estado chinês entre 1983 e 2016, a evolução das políticas públicas com incidência no turismo emissor. Deste modo, em primeiro lugar, identifica-se a relação entre o turismo e as políticas públicas, dando importância à investigação das políticas públicas do turismo; em segundo lugar, apresenta-se a evolução global das políticas públicas no turismo chinês, demonstrando tanto as diferentes estratégias como atitudes do governo chinês face ao desenvolvimento do turismo ao longo de diferentes períodos; e por fim, analisam-se as políticas focadas no turismo emissor. Este trabalho conclui que o desenvolvimento do turismo emissor chinês tem sido fortemente influenciado pelas ações do governo chinês, através da implementação de várias políticas destinadas a controlar este sector. A análise da evolução destas políticas, nomeadamente da mudança de posição do governo face a este tipo de turismo, contribui para a compreensão do desenvolvimento do turismo emissor, permitindo evidenciar que este se está a tornar um elemento importante da diplomacia chinesa.

## João Marcelo Mesquita Martins

(CEHUM, Universidade do Minho)

### *O Papel Criador da Deusa Nüwa: O Mito da Criação da Humanidade como Diálogo Intercultural entre China e Ocidente*

**Palavras-chave:** Mito antropogónico, gramática do mito, diálogo intercultural, China e Ocidente, Nüwa, Fuxi.

A presente comunicação denota um cariz determinadamente sócio-antropológico, não só tomando o mito da Criação da Humanidade, chinês e ocidental (-is), enquanto seu ponto primário, como também considerando outras narrativas que, no âmbito da temática, possam revelar recantos da consciência mítica coletiva. Neste sentido, procura-se identificar uma afinidade cultural entre China e Ocidente, visto que, compartilhando semelhante fervor pela descoberta da sua origem, estas duas entidades criaram narrativas que, conquanto transmitam detalhes divergentes, convergem naquilo a que se chamaria gramática mítica (ou seja, nos seus aspetos fulcrais). O principal escopo desta comunicação é, assim, provar que a distância geográfica entre ambas as comunidades não se espelhou no afastamento mental a nível de explicação e justificação da origem do Homem.

Veiculado de geração em geração antes da invenção da escrita, o mito antropogónico revela, ao longo da história, resquícios do pensamento do povo que o concebeu. Nüwa, mencionada em obras como o *Clássico das Montanhas e dos Mares*, as *Canções do Sul*, dois textos importantes para a mitologia chinesa, é a grande deusa criadora, primeva e fundacional, capaz de moldar o Homem à sua imagem e a partir da denominada terra amarela. A este episódio mítico adicionam-se outros, como o que é narrado pelo Génesis ou o que vigora no sistema mitológico grego, o que permitirá a construção de pontes comunicacionais e o conseqüente diálogo intercultural.

Por conseguinte, os supramencionados mitos devem ser percecionados não como histórias inventadas, ou crenças infundadas, mas como repercussão do talento imaginativo do Homem, porquanto, graças aos seus variegados aspetos, se assumem como elementos primordiais na propagação de valores cruciais e na unificação sociocultural de um, ou vários, povo(s).

## Joana Mestre Costa

(Universidade de Aveiro)

### *A China na Flora Cochinchinensis de João de Loureiro*

**Palavras-chave:** João de Loureiro, Flora Cochinchinensis, literatura científica portuguesa, jesuítas, relação Portugal-China, setecentos.

Em 1790, a Academia das Ciências de Lisboa publicou a editio princeps do magnum opus do sócio João de Loureiro, *Flora Cochinchinensis: sistens plantas in regno Cochinchina nascentes. Quibus accedunt aliae observatae in Sinensi Imperio, Africa Orientali, Indiaeque locis variis. Omnes dispositae secundum systema sexuale linnaeanum.*

Padre jesuíta, Loureiro partira em missão para o Oriente, cerca de quatro décadas antes, porém, do seu quotidiano levantino, chegaram ao Ocidente mais notícias do cientista que do apóstolo. A sua obra editada e os seus inéditos acusam ter-se dedicado, sobretudo, à investigação da botânica oriental e das aplicações medicinais das plantas nativas, secundado pelos estudos de Dioscórides e de Lineu. Neste campo, o trabalho desenvolvido, mormente em consequência do envio para a Europa de um herbário coligido pelo missionário, mereceu, por parte da comunidade científica internacional, elevadíssimo e imediato interesse, que acabaria por consubstanciar-se na inscrição do nome de Loureiro entre os dos membros da Royal Society e na sua imortalização pela taxinomia vegetal.

A *Flora Cochinchinensis*, oferecendo à farmacognosia europeia a descrição e a explicitação das aplicações terapêuticas de 185 novos géneros e de quase 1300 espécies da Cochinchina, de Cantão, do Camboja, de Bengala, do Malabar, das Filipinas, de Sumatra, de Moçambique, foi, a um tempo, o acúmen do labor levantino de Loureiro e um marco indelével do intercâmbio científico entre Oriente e Ocidente.

Considerando o percurso de João de Loureiro e, notadamente, a partir da sua *Flora Cochinchinensis*, em cuja tradução do latim e análise estamos empenhados, pretendemos, ora, debater a importância da presença da flora chinesa no elenco, bem como a imagem (ou as imagens) que, através da sua obra, Loureiro lega ao Ocidente desse *Sinense Imperium*.

## Jorge Tavares da Silva

(DCSPT, Universidade de Aveiro)

### *As vicissitudes do modelo meritocrático sociopolítico chinês*

**Palavras-chave:** Sociedade, política, meritocracia, elites, China, educação.

A meritocracia – literalmente “poder pelo mérito” – é um modelo sociopolítico que faz corresponder a ascensão social e política ao desempenho individual. As posições hierárquicas aparecem assim muito sujeitas aos padrões de educação, aos valores assumidos pela sociedade, às aptidões técnicas e profissionais de cada um. Na



era imperial a China seguia um modelo de ascensão por mérito no acesso a cargos públicos, sendo o primeiro país do mundo a introduzir exames neste processo. Ainda hoje podemos verificar os efeitos da cultura de mérito, a começar pela obsessão nacional na realização de exames de acesso ao ensino superior – *gaokao*. No mesmo sentido, ainda hoje, a ascensão política na China faz-se de acordo com os serviços prestados ao Partido, num modelo que alguns se atrevem a classificar de “mandarinato-meritocrático”. Mais recentemente, foi criado também um sistema de créditos sociais que visa gratificar ou penalizar os cidadãos de acordo com as suas prestações na sociedade. São tudo demonstrações de seriação social em função de avaliações técnicas que visam a construção de uma sociedade gerida pelos melhores. Na verdade, para muitos, estas formas de seriação podem não estar a construir uma sociedade mais justa, mas, simplesmente, uma sociedade gerida por aqueles que tiveram melhores condições. Por outras palavras, está-se a construir na China uma sociedade cada vez mais elitista. O presente ensaio visa precisamente analisar as várias dimensões deste modelo, auscultando as implicações na construção de uma sociedade chinesa mais equilibrada, como pretende a última geração política. Uma das questões centrais é saber se a meritocracia chinesa não pode abrir um fosso social ainda maior num país desde já muito desequilibrado, e daqui trazer maiores complicações políticas.

## **José Carlos Seabra Pereira**

(Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra)

*Travessias literárias - da acomodação multicultural à experiência intercultural*

**Palavras-chave:** Macau, literatura, multiculturalismo, interculturalidade.

Tomando Macau como plataforma histórico-cultural, procurarei discernir e destacar na literatura em língua portuguesa ali gerada e realizada no funcionamento institucional do respectivo campo intelectual os sinais de diferentes estádios de coabitação de diferentes identidades comunitárias – lusas, chinesas e macaenses – e dos passos mais significativos na reconversão do exotismo, na relação de forças socioculturais, no advento do multiculturalismo, enfim na cativante e exigente experiência de verdadeira interculturalidade (desde Pessanha e Maria Anna Acciaioli Tamagnini às actuais poéticas do Conhecimento analógico, desde Jaime do Inso e Wenceslau de Moraes a Henrique de Senna Fernandes e Maria Ondina Braga).

## **Kevin Carreira Soares**

(PIUDHist - ICS-UL)

*A criação da Diocese de Macau no contexto da política régia da Coroa Portuguesa para a Ásia do Sueste: projeções e contextos (1576-1623)*

**Palavras-Chave:** Religião, diocese de Macau, China, Macau, Bispo, Império.

A religião constitui um traço central do projeto imperial português, cujos vestígios (edificados ou mentais) perduraram ao longo dos séculos e se mantêm, atualmente, muito evidentes. A par do envio de missionários, a criação de dioceses correspondia à concretização de políticas régias para os territórios recém-ocupados, permitindo a presença indispensável do bispo na comunidade cristã. Este pastor exercia funções adstritas ao seu múnus episcopal (celebração de sacramentos e rituais específicos), ao mesmo tempo que procurava governar o território que lhe tinha sido confiado e auxiliar as autoridades locais na administração do quotidiano local.

É sabido que a criação da diocese de Macau se deu em 23 de janeiro de 1576, a pedido de D. Sebastião (1557-1578). Nesta data, ficaram consagrados os direitos de padroado de Coroa Portuguesa sobre toda a China e Japão e parte do território do atual Vietnã. Para exercer o múnus de primeiro prelado da mitra Macaense, foi nomeado D. Diogo Figueira (1578-1597), clérigo secular e inquisidor do Santo Ofício. Porém, a presença episcopal em Macau era uma evidência desde a chegada de D. Belchior Carneiro a Macau, na sequência do breve pontifício de fevereiro de 1566, em virtude da impossibilidade deste prelado em viajar para a Etiópia, território para o qual estava nomeado. Ao mesmo tempo, sabe-se que D. Diogo Figueira (1578-1597) nunca aceitou a nomeação, tendo renunciado dois anos mais tarde, com a nomeação de D. Leonardo de Sá (1578-1597).

Partindo deste quadro complexo, a presente comunicação ambiciona observar o modo como a presença episcopal – traço central da presença cultural portuguesa em Macau e na China – se instalou no território.

## **Lihui Guo**

### **Mo Guo**

(doutoranda, DLC, Universidade de Aveiro)

#### *A beleza da Caligrafia Chinesa*

**Palavras-chave:** Caligrafia, caracteres chineses, pincel, evolução dos tipos dos caracteres.

A caligrafia chinesa representa uma arte própria da China, constituindo a elite da cultura tradicional chinesa. Este trabalho escolheu, com todo o esmero, textos gravados em lápides com valor representativo, durante diferentes dinastias chinesas e recorre aos desenhos acompanhados de legendas para explicar principalmente o surgimento e o desenvolvimento da escrita chinesa, apresentando de maneira sucinta e concisa o processo de surgimento, a evolução de várias correntes e o status-quo da caligrafia chinesa, a fim de fazer o público perceber de maneira inicial a caligrafia chinesa, ganhando assim um conhecimento básico da cultura tradicional chinesa e em particular, da cultura da escola confuciana.

O trabalho divide-se em três partes, abordando respetivamente: a) o surgimento e a origem da escrita chinesa e o recurso ao pincel, sublinhando a sua diferença relativamente ao uso ocidental de objectos duros para escrever; b) a origem assim como as correntes da caligrafia chinesa, apresentando o processo da evolução, a origem e as características de vários tipos de caligrafia, nomeadamente *zhen* (caligrafia verdadeira ou regular), *cao* (caligrafia rápida e cursiva), *li* (caligrafia de escravos) e *zhuan* (caligrafia de carimbo); c) o *status-quo* da caligrafia na China contemporânea, apresentando o surgimento em ascensão da paixão do povo pela caligrafia, promovido pelo

desenvolvimento da economia chinesa, assim como as características e a origem da caligrafia moderna na China, além da tendência do seu desenvolvimento no futuro.

## **Luís Filipe Barreto**

(CCCM e Universidade de Lisboa)

### *Portugal-China: a Distância que Aproxima*

**Palavras-chave:** Portugal, China, o Outro, relações transculturais, História e Geografia.

Portugal e a China possuem, cada uma, a sua história, língua, cultura. Cada um tem a sua própria construção em Tempo e Espaço. A sua formação em transformação como Próprio que afirma e confirma o Outro concreto por ser e ter outra paisagem e língua, viver outros passados, presentes e futuros. Esta constituição de Diferenças faz-se, desde o século XVI e até aos nossos dias do século XXI, com também necessária Implicação, em cruzamentos, trocas, conexões, partilhas de Espaço e de Tempo comuns. Portugal e a China possuem o mais antigo sistema de relações transculturais diretas, regulares, contínuas, existente entre Europeus e Europas da Europa e a China/Ásia Oriental. Este conjunto de múltiplos e diversos processos relacionais emerge em 1509-1513 nos mares e litorais da Ásia do Sueste e do Sul da China. Em 2017 podemos olhar para esse mais de meio milénio de conexões e traçar fases e faces, padrões e resultantes. O objetivo desta conferência é contribuir para o conhecimento das lógicas e heranças da conexão Portugal-China no passado e no presente. Quando? E onde? Quem? E o Quê? Como? E Porquê? São algumas perguntas e respostas avançadas em torno do multissecular conjunto relacional. Relações que permitem, ao mesmo tempo, melhor conhecer distâncias e diferenças que fazem Portugal e a China mas, também, o conjunto de interdependências partilhadas que foi tecendo a primeira (em partes) conjunta e comum História e Geografia Eurasiática.

## **Luís Filipe Tomás Barbeiro**

(Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria)

### *Encontros interculturais: Fraturas e continuidades nos diálogos entre estudantes chineses e portugueses*

**Palavras-chave:** Interculturalidade, interação, estudar no estrangeiro, estudantes chineses, português língua estrangeira, proficiência linguística.

As parcerias entre estudantes para a aprendizagem das respetivas línguas constituem um meio de desenvolver competências linguísticas, mas também de realizar descobertas em relação à cultura, à sociedade e aos modos de viver dos colegas-parceiros. Nessa descoberta, encontram-se diferenças ou fraturas, mas também eixos de continuidade em relação a si próprio. A presente comunicação analisa as reflexões produzidas por estudantes chineses, na sequência do primeiro encontro com parceiros de língua portugueses, no âmbito do projeto “Oriente.com.pt”. Os estudantes chineses

encontravam-se em Portugal, durante uma estada de um ano, para aprofundar o seu estudo de língua e cultura portuguesa. Por sua vez, os parceiros portugueses encontravam-se a estudar língua chinesa. O projeto tem como objetivo fomentar a aprendizagem das línguas e a interação intercultural entre os parceiros. Este encontro a que as reflexões dizem respeito constituiu o primeiro encontro do projeto e teve como tema “Prazer em conhecer-te!”. A análise do *corpus* constituído pelas reflexões seguiu uma metodologia de análise de conteúdo e procurou identificar segmentos discursivos associados a dois eixos ou categorias: a emergência no texto de uma perspetiva de fratura ou contraste ou, inversamente, de uma perspetiva de continuidade em relação ao próprio sujeito, à sua cultura e modo de vida. Em resultado da análise, emergiram as duas perspetivas: a descoberta de continuidade com o outro em torno de dimensões como a juventude, gostos pessoais como a música, a leitura, a comida, etc., e a descoberta de fraturas ou diferenças ligadas a dimensões como a vida académica, hábitos quotidianos, temas de conversa, e também nos domínios da gastronomia e gostos pessoais, etc. A língua e as dificuldades de compreensão surgem como uma barreira suscetível de aparecer inicialmente como uma fratura. Contudo, quer em relação às dificuldades linguísticas, quer em relação a outros aspetos emerge nos textos de reflexão um movimento baseado na ultrapassagem dessas fraturas, transformando-as em continuidades.

## **Maria do Carmo Mendes**

(ILCH/CEHUM, Universidade do Minho)

*Cores e fragrâncias do Oriente: as Histórias de Macau de Altino do Tojal*

**Palavras-chave:** Tojal (Altino do), literatura de viagens, Macau.

As afirmações de Agustina Bessa-Luís em *A Quinta-essência* a propósito de Macau e do Oriente – “um mundo para desvendar, tão profundo e avassalador que deixava muito atrás a história da Europa” – revelam um interesse indesmentível da escritora portuguesa, partilhado por outros ficcionistas contemporâneos, por espaços que ocupam um lugar privilegiado no imaginário cultural português.

Na literatura portuguesa contemporânea, escritores como Eugénio de Andrade, Maria Ondina Braga, José Jorge Letria, João Aguiar e Altino do Tojal revelam esse fascínio.

A comunicação, centrada nas quarenta narrativas que integram a obra de Altino do Tojal *Histórias de Macau* (1987), tem como principais propósitos: 1) Reconstruir a viagem do narrador de Lisboa a Macau e o modo como ela é uma reinvenção do passado e um desafio de construção do futuro; 2) Identificar a dimensão multicultural destas narrativas de viagens e a forma como elas desconstróem estereótipos culturais; 3) Explicitar em que medida a obra de Altino do Tojal representa, no contexto da literatura portuguesa contemporânea, um relevante contributo para o entendimento dos diálogos interculturais Portugal-China.AL

**Maria do Céu Guerra**

**Álvaro Rosa**

(Universidade de Aveiro)

*A Adaptação das marcas ocidentais na  
transmissão da mensagem publicitária na China*

**Palavras-chave:** China, publicidade, marketing, consumo.

Como comunicar a publicidade ocidental para a China? Porque nem sempre as marcas de sucesso no ocidente são bem-sucedidas na China? Quem é o consumidor chinês?

Todos nós enquanto consumidores adquirimos produtos e serviços, tendo em conta grupos de pertença.

A publicidade indica um caminho a seguir, e comunicá-la é a forma ideal de alcançar os consumidores, atribuindo-lhes uma identidade visual e tornando-os uma extensão do “eu”. Porém, publicitar na China é muito mais do que traduzir uma mensagem de forma coerente atendendo a que a simbologia dos caracteres chineses e o *mindset* cultural determinam uma interpretação da mensagem que muitas vezes não encontra paralelo com a prática do mundo ocidental. A mensagem publicitária produzida através de conjugação de imagens, sons e cores deve refletir a cada passo as questões de *face*, a temática do dragão e as ideologias ou perceções populares a fim de recriar a melhor forma para melhor seduzir o consumidor chinês. Por outro lado, na China, o exterior é um reflexo do interior, onde consumir é também ter um estatuto e uma adequada notoriedade perante a sociedade. Na China, a classe média ultrapassa hoje os 150 milhões de pessoas. Ainda assim, existem “muitas” Chinas. Se por um lado o setor de luxo floresce a cada dia, a maior parte da população anseia por adquirir produtos que lhes transmitam emoções, tais como, a liberdade, felicidade e esperança. O novo perfil de consumidor na China indica-nos que o se deseja é um estilo de vida onde a qualidade, as viagens e a família são a chave da felicidade. É um consumidor que procura, incessantemente, inovação, tecnologia e qualidade a um preço aceitável.

Concluimos, também, com base na investigação realizada, que para a satisfação das necessidades latentes e não latentes dos consumidores chineses, a origem, a funcionalidade e a informação convenientemente adaptada são fatores determinantes na conquista da confiança do consumidor chinês.

Na comunicação da publicidade das empresas ocidentais na China é essencial o respeito por esta cultura secular, onde as estratégias de marketing e publicitárias não podem ser estáticas, ao invés, devem ser evolutivas ao ritmo alucinante da absorção de produtos e serviços.

**Maria Helena do Carmo**

(escritora e docente de História na Academia Cultural Sénior de Lagoa, Algarve)

*O Romance Histórico na Relação Luso-chinesa*

**Palavras-chave:** Biografias, governadores de Macau, mercadores, ópio, Qianlong, romance.

Na intervenção faço uma breve abordagem sobre a investigação da China, com base em cronistas, relatos de viagens e dos jesuítas, de interesse para os historiadores atuais em diversas áreas.

Passo a expor as razões que me levaram da história à ficção, à medida que surgiram ideias sobre temas difíceis de se comprovar com documentação: por inexistência, alguma ser pouco fidedigna, ou haver várias versões sobre o mesmo assunto. Refiro depois o processo usado na elaboração dos meus livros.

Em seguida, ponho em foco dois períodos polémicos da história de Macau nas relações com a China, importantes por se afastarem da habitual cordialidade entre os mandarins locais e as autoridades portuguesas:

O primeiro centra-se em meados do século XVIII, quando processos de “crime de morte” geraram conflitos com a Justiça sínica, o que levou o imperador a colocar os portugueses sob a dependência das leis chinesas, 12 artigos que foram gravados em pedra nas línguas de ambas as nações, sujeitando os macaenses a severas regras de vigilância. O comércio estagnou, a miséria aumentou, os que puderam emigrar foram para outros portos.

Este tema foi trabalhado nas suas causas e consequências no romance “Mercadores do Ópio – Macau no tempo de Qianlong”;

O segundo, data de meados do século XIX, quando João Maria Ferreira do Amaral governou o território e o libertou do jugo da China. A I Guerra do Ópio havia dado aos ingleses a ilha de Hong Kong e liberdade de comércio com outras nações, em detrimento de Macau, que perdeu a exclusividade de ser o único intermediário com a China.

Através das reformas, empreendeu uma nova dinâmica na Administração, no Senado, no contingente militar, alargou o território sob o foro-do-chão, aplicou impostos, extinguiu as alfândegas chinesas, cortou despesas e gerou receitas com exclusivos do jogo e da carne, conseguindo dar maior autonomia à colónia.

Acima de tudo, estabeleceu a igualdade no relacionamento entre os representantes dos dois países, situação que nunca foi aceite pelo vice-rei de Cantão e por alguns mandarins, o que viria a ditar a sua morte.

Sobre o assunto pode ler-se outro livro, uma biografia romanceada, intitulada “Bambu Quebrado”.

## **Mário Jorge Peixoto Teixeira**

(DECA, Universidade de Aveiro)

### *A postura corporal do Taichi aplicada à performance instrumental*

**Palavras chave:** Taichi, postura física, psicomotricidade, saúde, respiração, Yin Yang.

O Taichi chuan é uma arte marcial chinesa que remonta à dinastia Tang (618-916 d.C.). Detentor de uma longa história e comprovada eficiência marcial, o seu legado tem vindo a ser aperfeiçoado ao longo dos anos com vista a uma optimização do uso do corpo e da mente. No séc. XX esta arte marcial assumiu um pendor mais terapêutico e por isso mais acessível à generalidade das pessoas tendo-se propagado ao resto do mundo.

Um grande número de estudos científicos efetuados na área da saúde comprova os benefícios da prática do Taichi Chuan para a generalidade dos seus praticantes e parece ser revelador do interesse que esta arte desperta na medicina ocidental.

Ao longo da minha vida musical tenho tido contacto com os mais variados músicos que sofrem todo o tipo de problemas físicos decorrentes de más práticas de postura na execução instrumental.

Enquanto percussionista e praticante de Taichi Chuan, desde cedo me apercebi de forma empírica da utilidade que esta prática poderia ter para o desenvolvimento de uma boa postura física, que como se sabe é tão necessária à performance de qualquer músico. Por esta razão, a investigação decorrente da minha experiência como praticante de Taichi Chuan tem sido orientada no sentido de estabelecer pontes entre esta arte marcial e a performance musical, procurando, assim, compreender até que ponto a assimilação dos princípios em que o Taichi Chuan se baseia poderão ajudar a potenciar o desenvolvimento dos instrumentistas e prevenir eventuais doenças profissionais originadas por más práticas.

## **Micaela Ramon**

(ILCH/CEHUM, Universidade do Minho)

### *Diálogo intercultural Portugal-China.*

*Alguns desafios colocados no âmbito do ensino de PLE a sinofalantes.*

**Palavras-chave:** Português Língua Estrangeira, competência intercultural, competência linguística, ensino de línguas, políticas de língua, ensino superior.

O promissor potencial económico da língua portuguesa e a sua progressiva afirmação como língua de comunicação em diferentes espaços geopolíticos num contexto de globalização como é o atual têm determinado um crescente interesse pela aprendizagem deste idioma, atraindo para as Universidades com projetos de formação em Português Língua Estrangeira (PLE) públicos provenientes de diversas áreas do globo e que apresentam línguas e culturas muito distantes das língua e culturas-alvo.

Dentre os públicos cuja representatividade numérica se tem tornado mais expressiva destacam-se as comunidades de estudantes provenientes da China, para os quais a aprendizagem da língua portuguesa e o conhecimento das culturas dos países que a têm como língua oficial representam uma tarefa particularmente desafiante, estendendo-se este desafio aos restantes agentes que atuam neste campo.

De facto, contextos académicos multilingues e multiculturais exigem, quer da parte dos responsáveis pela definição e implementação de políticas de língua nas Instituições de Ensino Superior, quer da parte daqueles a quem cabe pô-las em prática, respostas adequadas e eficazes, as quais devem ser promotoras do diálogo intercultural com vista a facilitar a integração pessoal e académica dos estudantes estrangeiros.

Esta comunicação tem assim como principais objetivos 1) dar a conhecer ações desenvolvidas pelas entidades responsáveis pela planificação e execução de políticas de língua na Universidade do Minho no sentido de dar resposta à demanda constante no âmbito do PLE por estudantes sinofalantes; 2) refletir sobre o papel do professor de PLE como mediador intercultural no processo de ensino de língua-cultura a este público específico. A partir de experiências concretas, procurar-se-á dar exemplos práticos da seleção de conteúdos linguístico-culturais a veicular em função da sua relevância e

representatividade, bem assim como de métodos e recursos que promovam o contacto dos estudantes sinofalantes com aspetos significativos da(s) cultura(s) que se exprime(m) nesta língua pluricêntrica.

## **Mo Guo**

(doutoranda, DLC, Universidade de Aveiro)

*A porcelana entre dois mundos.  
Reinterpretações portuguesas da paisagem chinesa shanshui*

**Palavras-chave:** Porcelana, *shanshui*, cultura chinesa, reinterpretação portuguesa.

O processo da globalização e o desenvolvimento da China tornam cada vez mais necessário estudar a presença deste país no mundo e a compreensão que dela fazem os ocidentais. Os portugueses, como mensageiros entre a Ásia e a Europa, aceitando, aprendendo, imitando, absorvendo e transmitindo, divulgam a cultura chinesa no território português e constroem uma imagem peculiar da China. O que se vê depende muitas vezes do que se quer e do que se consegue ver, varia, portanto de acordo com os códigos mentais e culturais. Na minha comunicação, irei documentar esta diferença através de um dos mais poderosos padrões culturais: a arte. A pintura da paisagem *shanshui*, tal como ocorre nas peças de porcelana chinesas e portuguesas (e mesmo na faiança), evidencia discrepâncias relacionadas com os códigos estéticos e culturais. No momento de copiar ou de se inspirar, o artista português modifica muito para lá do que supõe. A cópia sem compreensão e a discordância sem consciência originam uma arte nova e rica, um fenómeno cultural particular, um património miscigenado onde dois mundos se cruzam de forma subtil.

## **Odete F. Sampaio Pereira**

(Mestre em Estudos Chineses, Universidade de Aveiro)

## **Álvaro Rosa**

(Instituto Universitário de Lisboa)

*A influência da filosofia tradicional chinesa no espaço construído*

**Palavras-chave:** Arquitectura, cultura, filosofia, tradicional, *yinyang*, *wuxing*.

A arquitectura na sua forma básica de habitar remete para o uso dos materiais e recursos disponíveis, para a forma e uso do espaço interno e externo, para a observação da envolvente, resultando numa adaptação harmoniosa do ser humano ao local. Subjacente a estes conceitos, pretende-se demonstrar algumas das características que conferiram ao “homem da china antiga” uma capacidade de adaptação à natureza e ao *genius loci*. A ideia de protecção num ambiente agreste ou de certo modo condicionado, recorrendo aos materiais que a natureza disponibiliza naquele determinado espaço e



tempo, permitiu ao homem tradicional chinês uma integração cíclica e harmoniosa. A sua ligação espiritual com a natureza parece ter derivado de um real instinto de sobrevivência. Pensamos que reside aí grande parte dos alicerces das arquitecturas vernacular e popular pois a observação e inter-relação com a envolvente topográfica, geológica e climática são o ponto de partida para a adaptação do ser humano ao local, em harmonia franca com a natureza. A diversidade topográfica, a rigidez climática, a escassez de recursos ou mesmo a necessidade de adaptação social e cultural a outros povos, solicitou a estes povos uma habilidade de adaptação e aceitação do “novo”.

A arquitectura tradicional chinesa teve expressão em palácios reais, templos, espaços residenciais, tumbas imperiais, jardins e arquitectura paisagista. Para esta apresentação serão escolhidos exemplos de arquitectura tradicional exclusivamente habitacional e alguns assentamentos de cidades ou aldeias. Nesta apresentação focaremos principalmente a tipologia da casa-pátio da zona norte e nordeste da China, apresentando algumas das vertentes filosóficas que conferiram a sabedoria para agir clicamente com os ritmos da natureza e na busca do espaço organizado, dinâmico e harmonioso.

O pensamento arquitectónico emergente nas dinastias Xia, Shang, Zhou e Han não foi um campo de estudo autónomo, e beneficiou de influências de diversas áreas de pensamento. As influências do pensamento filosófico tradicional chinês, enraizadas no movimento das “Cem Escolas” de pensamento *baijia* 百家 como o *qi*, *yinyang*, *wuxing*, *bagua* e *hexagramas*, constituem elementos sistémicos, interdependentes e mutáveis. Tais elementos pertencem a um sistema interdisciplinar que age directamente com um conjunto de crenças e tradições espirituais, ainda mais subjectivos. O modo com as ciências naturais e sociais estavam integradas no pensamento tradicional chinês, dotou-o de uma capacidade (*shu*) singular de transformar o meio ambiente onde se insere em harmonia (*he*) com as condicionantes locais. Os valores, crenças, filosofias, regras e capacidade adaptativa funcionaram de um modo sistémico, abrangendo o campo metafísico do conhecimento científico tradicional chinês, especialmente das ciências sociais, habilitaram o homem tradicional chinês da capacidade de adaptação climática e topográfica, da utilização de técnicas e materiais locais, resultante da efectiva necessidade de sobrevivência. Os códigos éticos, morais, sociais e religiosos que abundaram no antigo pensamento filosófico chinês, permitiram criar uma teia de ligações interdependentes e constituir a base da sua cultura tradicional.

Mais uma vez, a necessidade de sobrevivência e transposição dos problemas levaram esta civilização a desenvolver uma teoria geral de sistemas espontaneamente e em sincronicidade com várias correntes de pensamento. Os pensadores chineses antigos eram da opinião de que a aprendizagem os tornava melhores humanos e daria, por conseguinte, origem a uma melhor sociedade. Não falavam só de teoria mas sim de impregnar todos os seus feitos com esse pensamento, salientando sempre a máxima de “qual a melhor forma de fazer” em detrimento de “o que devo fazer”.

**Paulo Jorge Teixeira Cavaco**

**Rosa Maria Sequeira**

(CEMRI / Universidade Aberta)

O Conto dos Chineses de *Cardoso Pires*:  
*imigrantes chineses na Literatura Portuguesa*

**Palavras-chave:** Cardoso Pires, China, diálogo intercultural, literatura, imigração, Portugal.

Integrando a longa tradição de textos literários portugueses que ficionam a China e que desse modo promovem o diálogo intercultural entre Portugal e aquele país do Extremo Oriente, *O Conto dos Chineses* de José Cardoso Pires (1925-1998), publicado no ano de 1959, aborda a presença de imigrantes chineses em Portugal continental, pelo que o texto se reveste de grande atualidade nos dias que correm.

A tematização da imigração neste conto é relevante a dois níveis. Por um lado, esta narrativa breve propiciou ao leitor português dos finais dos anos 50 do século XX o contacto com personagens migrantes, em particular chinesas, e a reflexão acerca do Outro oriental, numa época em que o país não tinha uma política de abertura ao mundo e, ao invés da emigração, a imigração era um fenómeno desconhecido da sociedade portuguesa; por outro lado, no quadro da literatura portuguesa, este conto foi precursor ao trazer para o espaço literário personagens imigrantes, fenómeno literário que apenas na atualidade começa a ter expressão em Portugal, decorrente da fixação de comunidades imigrante.

Marcado pelo preconceito face aos orientais, cuja imagem se alicerça em estereótipos, o diálogo entre a personagem do português da classe operária e os dois imigrantes chineses, dedicados ao comércio ambulantes de terra em terra, decorre num ambiente de tolerância, de respeito mútuo e abertura ao Outro, favorecendo a aproximação e concluindo o narrador que as semelhanças entre ocidentais e orientais são significativas.

A reflexão em torno do Outro oriental potencia uma abordagem pedagógica do texto propiciadora da educação intercultural, desconstruindo os preconceitos e os estereótipos, valorizando a postura tolerante e recetiva face ao Outro e, deste modo, contribuindo para o aprofundamento do diálogo intercultural com a China, que encontra na literatura um espaço privilegiado.

**Paulo José Miranda**

(escritor)

*O problema da identidade humana em Macau  
ou a experiência de uma existência quântica*

**Palavras-chave:** Existência, quântico, distância, saudade, fragmentação, identidade.

Pretende-se nesta intervenção iluminar uma periferia existencial a que se poderá chamar experiência de existência quântica. Experiência essa que resulta do sentimento que o humano tem aquando da mudança de Portugal para Macau. Após vinte ou mais

anos de crescimento em Portugal, a mudança para Macau não poucas vezes espoleta, ao fim de algum tempo, a sensação de estar a viver uma vida de empréstimo e que, a sua vida real, está em Portugal, aonde ele poderá voltar, como se pudesse recomeçar do ponto onde a tinha deixado. A vida passa a ser vivida duplamente: aquela que está a ser e aquela que poderá ainda ser (como se fosse possível).

## **Paulo Sá Machado**

(investigador e ensaísta)

### *Incursões no mundo da cultura chinesa*

**Palavras-chave:** China, “República”, Zhengzhou, cultura, pólvora, seda.

Desde os meus já longínquos tempos de aluno da Universidade de Coimbra, que conhecer o mundo, para além desta velha Europa, me atraía de uma forma especial, talvez por ter vivido intensamente os tempos, de forte contestação estudantil (1962-1967) numa das mais célebres e carismáticas Reais Repúblicas Coimbrãs “ Pagode Chinês”.

Como curiosidade refira-se que a “República de Coimbra” é a mais antiga instituição universitária portuguesa, que remonta época medieval aquando do Acto de estabelecimento de Estudos Gerais em Coimbra – Diploma régio de 15 de Fevereiro de 1309.

O fascínio pelo mundo asiático, e muito especialmente pela China, desde muito jovem me atraiu, de tal forma que o sonho se viria a tornar realidade muitos anos depois, aquando da primeira exposição de Instrumentos Musicais Chineses realizada em Boticas em 2006.

A partir daí fui aprofundando os meus parcos conhecimentos pela , ainda hoje enigmática China, que cada vez mais se abre ao mundo. Mas a China é de enorme extensão, de enorme conjunto de particularidade, que mesmo assim o seu conhecimento é muito escasso, essencialmente quando se afasta dos grandes centros urbanos. A China continua a ser mística, cheia de encantos e recantos.

À China deve-se a descoberta da pólvora, e mais tarde o fogo de artifício, bússola, papel e logo a tinta, macarrão e depois o garfo – inicialmente feitos com ossos – cardápio (menu), sismógrafo, álcool, seda, para enumerar os mais significativos.

Ainda recentemente tivemos o prazer de levar ao Freixo de Espada à Cinta a exposição dos instrumentos musicais chineses, com a particularidade da Vila ser a mais criativa na produção da sede, tendo mesmo um museu dedicado a ela e onde são produzidos muitos artigos de inestimável valor.

Por convite da Embaixada da República Popular da China, em Lisboa, tivemos a primeira oportunidade de visitar Zhengzhou, na altura da realização do International Mayor’s Forum on Tourism – 2010. Pequim e Xangai foram visitadas.

Experiência extraordinária, não só pela visita, mas também pela forma acolhedora como fomos recebidos, assim como pela oportunidade de realizar várias visitas, assistir a vários eventos, destacando entre eles, um espectáculo de ópera, assim como a importantes museus. Refira-se que uma réplica de um guerreiro de Xi’an, se encontra em Boticas, no CEDIEC.

A China deve ser visitada, pesquisada, estudada e divulgada. A cultura chinesa a isso obriga, e é isso que pretendemos fazer.

## Paulo Silva Pereira

(Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas, Universidade de Coimbra)

*Os Jesuítas, a Letra e o Evangelho. Missionação, materialidades da escrita e acomodação cultural na China do séc. XVII*

**Palavras-chave:** China, cristianismo, missionação jesuítica, práticas letradas, materialidades da escrita, método acomodatório.

Tendo por base um *corpus* formado por três crónicas da Missão da China redigidas por jesuítas portugueses no século XVII – *Relação da Grande Monarquia da China*, de Álvaro Semedo, com especial incidência na versão castelhana publicada por Manuel de Faria e Sousa; *Ásia Extrema*, de António de Gouveia; *Nova Relação da China*, de Gabriel de Magalhães, a partir do traslado em língua francesa de Claude Bernou – e com significativo impacto no mundo letrado europeu, pretende-se desenvolver uma reflexão sobre a especificidade da escrita jesuítica enquanto forma de produção de saber sobre esse espaço geográfico-cultural. Será tida em conta, de modo particular, a descrição do horizonte das práticas letradas e das materialidades da escrita, com ênfase na sedução despertada pelo regime ideográfico e nas articulações estabelecidas com a tradição hieroglífica. O fascínio provocado por esse sistema de escrita que se afastava dos padrões convencionais de línguas, antigas e modernas, conhecidas no Ocidente e a extrema dificuldade em compreender o seu funcionamento interno são tópicos recorrentes desde os primeiros relatos ibéricos relativos à China a partir do séc. XVI (bastaria pensar em Gaspar da Cruz), mas a questão da língua viria a tornar-se estratégica para a salvaguarda da evangelização do território na fase final da dinastia Ming e dos primórdios da Qing, sobretudo depois da ação de Alessandro Valignano, Michele Ruggieri e Matteo Ricci. O forte investimento nesse campo, que será avaliado a partir de segmentos das obras referidas e de outras consideradas pertinentes (*Ásia Portuguesa*, de Faria e Sousa; *China Illustrata*, de Athanasius Kircher; epistolografia do período), não respondia apenas à preocupação utilitária de comunicar eficazmente no âmbito da conversão das comunidades autóctones, mas abria caminho ao diálogo próximo com as elites chinesas e à articulação da China com o contexto bíblico (com base, por vezes, numa exegese ousada) e com a fase primigénia do Cristianismo, sobretudo por via do Nestorianismo. Um episódio fulcral nesse processo diz respeito à descoberta em 1625 da estela nestoriana de Xi'an que deu azo a um largo caudal de reflexão sobre a sua origem e sobre os sentidos da mensagem nela inscrita. Sob formas diversas, a leitura dos textos permite reconstruir o método acomodatório da Companhia de Jesus, tão preocupado sempre em acolher práticas culturais chinesas no âmbito do culto católico hegemónico e que alimentaria depois a controversa questão dos ritos. Embora sem nunca atingir o grau de complexidade (e heterodoxia, segundo alguns) que viria a ter no seio da corrente do Figurismo, alimentada por jesuítas franceses (v.g. J. Bouvet, J.-F. Foucquet, J. de Prémare), o certo é que se pode rastrear várias tentativas anteriores de reconhecimento de 'vestígios' da Revelação e de exercícios de conciliação entre a história do género humano, a China e a matriz bíblica, que interessará analisar pelo que revela dessa profundidade do olhar jesuítico projetado sobre o mundo, ligando territórios, povos e culturas.

## Ran Mai

(DLC/CLLC, Universidade de Aveiro)

### *Ensino de Chinês a Falantes de Português*

**Palavras-chave:** Chinês como Língua Estrangeira, Português, análise de erro, transferência linguística, estratégias de ensino.

Com o processo de globalização, a abertura e o desenvolvimento ocorridos na China nos últimos vinte anos, a Língua Chinesa, uma das seis línguas oficiais da ONU, está a ganhar cada vez mais importância, sobretudo em Portugal na atualidade devido à cooperação bilateral em curso nas áreas política, económica e cultural.

O presente trabalho apresenta alguns resultados de uma investigação sobre o ensino de Língua Chinesa a falantes de Português. Visa dar a conhecer o Mandarim nos seus principais aspectos linguísticos assim como a situação do ensino do Chinês como língua estrangeira em Portugal. São analisados, classificados e explicados os principais problemas que um aluno falante de Português pode encontrar na aprendizagem de Chinês com base num *corpus* de produção escrita e na experiência do ensino-aprendizagem. São propostas algumas soluções metodológicas para tais problemas e outras estratégias para que o ensino seja mais adequado e eficiente face a esse público.

## Rui Costa

### Eduardo Noronha

(DeCA, Universidade de Aveiro)

### *Design da China para produção Portuguesa*

**Palavras-chave:** China, Portugal, Paredes, mobiliário, design.

Invertendo a ordem tradicional do desenho europeu reproduzido industrialmente na China, os *workshops* de design Chinês junto das indústrias de Paredes (2015), dirigidos pela Universidade de Aveiro, no âmbito do programa *Art on Chairs*, promoveu o diálogo intercultural entre Portugal e a China, solicitando a um grupo de *designers* e docentes universitários de Design projetos de mobiliário concebidos em colaboração com um conjunto de indústrias de madeira de Paredes.

O *workshop* foi organizado com a colaboração da Associação Cultural Luso-Chinesa, associação sem fins lucrativos dedicada ao intercâmbio cultural das indústrias criativas (arquitetura, *design* e artes plásticas, presidida pelo designer Emanuel Barbosa) que, com o apoio do Gabinete de Negócios Estrangeiros de Pequim, selecionou um conjunto de três universidades chinesas de Pequim representadas pelos seus docentes de design (Beijing union university, Beijing women's university, Beijing university of civil engineering and architecture).

A este grupo foi adicionada uma escola primária experimental para promover a cultura do *design* nos seus orientadores pedagógicos, a Beijing chaoyang experimental primary school

Estes *workshops*, que duraram cerca de 2 meses cada um, constituíram uma experiência artística, técnica e científica muito interessante, sobretudo pela troca de conhecimentos, materializada num conjunto de artefactos construídos e exibidos de que aqui se fará nota, orientados pelos docentes Francisco Providência, Rui Costa, Eduardo Noronha, Helena Barbosa e Paulo Providência.

## Rui D'Ávila Lourido

(Observatório da China)

*Preservar o passado, construir o futuro:  
Narrativas Históricas em Português sobre a China*

**Palavras-chave:** Portugal, China, multiculturalismo, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, *Crónica dos Mares* de Xie Qing Gao.

A preservação da memória colectiva dos povos é um elemento essencial para o desenvolvimento de políticas públicas sustentáveis e de afirmação das respectivas identidades. O conhecimento das descrições históricas sobre as grandes viagens e sobre os novos territórios visitados pelos Portugueses ao longo dos séculos, envolvendo a Europa, a África, a América, e a Ásia, com destaque para a China, contribui para que os cidadãos compreendam a diversidade dos processos interculturais das nossas sociedades atuais e da nossa obrigação em preservar esse conhecimento para as sociedades do futuro. O resgate e fortalecimento da memória histórica, contribui para a consciencialização, da identidade multicultural, e da coesão social nas nossas sociedades e da respetiva auto-estima. Com esse objetivo concebemos e coordenamos a Biblioteca Digital com as "Descrições de Macau-China dos Séculos XVI ao XIX", organizada pelo Observatório da China ([www.fontesmacau.observatoriodachina.org](http://www.fontesmacau.observatoriodachina.org)). Neste texto faremos a apresentação da importância e tipologias das obras, bem como das diferentes formas de consulta e cópia dos conteúdos desta biblioteca. A terminar faremos uma análise comparativa de dois textos históricos relevantes para o relacionamento entre Portugal e a China: a célebre *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (século XVI, digitalizada nesta Biblioteca Digital) e a *Crónica dos Mares* (Hailu, século XIX) desconhecida do público Ocidental, da autoria do viajante Xie Qing Gao, que elaborou a primeira descrição de Portugal e da Europa, publicada em chinês, na China. O conhecimento das fontes históricas das relações entre o Ocidente e o Oriente propicia, uma maior consciência e uma outra fonte de inspiração para enfrentar, com confiança e criatividade, os desafios relacionados com tensões multiculturais neste mundo global.

## Rui Loureiro

(Instituto Superior Manuel Teixeira Gomes & Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar, FCSH-UNL / UAç)

*Impressões da China nos Colóquios dos simples de Garcia de Orta (Goa, 1563)*

**Palavras-chave:** China, Garcia de Orta, Colóquios dos simples, história natural, Índia, livros impressos, século XVI.

Garcia de Orta foi um físico português que viveu na Índia em meados do século XVI, e que se interessou sobremaneira pela história natural e suas relações com a medicina. Em 1563 publicou em Goa um volumoso tratado com o título «Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinais da India», que é um dos primeiros livros impressos na Índia em prelos europeus. Trata-se de um longo diálogo, no qual são personagens principais o Dr. Orta e o Dr. Ruano, dois antigos colegas de estudos, que vão discutindo os mais importantes produtos naturais asiáticos, analisando os respectivos nomes, origens, preços no mercado, propriedades terapêuticas, ao mesmo tempo que questionam as literaturas e práticas médicas ocidentais e orientais. No decorrer destas eruditas conversas, muitos outros tópicos são introduzidos, nomeadamente relacionados com a geografia da Ásia e com as características de muitos dos povos que a habitam. A China é objecto de uma particular atenção na obra do físico português, não só através de repetidas menções aos produtos naturais dali oriundos, mas através de uma enorme quantidade de notícias sobre o mundo chinês, que é sempre encarado de uma forma extremamente positiva. A presente comunicação debruça-se sobre a matéria chinesa no âmbito do projecto gnoseológico dos «Colóquios dos simples», uma das primeiras obras impressas na Europa onde nos deparamos com uma atitude apologética em extremo a respeito da China e dos chineses.

## Rui Manuel Martins de Sousa Torres

(Instituto do Oriente, unidade de investigação do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa)

*Identidade e Cinema no tempo da cidade ecrã*

**Palavras-chave:** Políticas públicas, escola portuguesa de cinema, política externa portuguesa e cinema na segunda metade da década do séc. XXI.

O mundo contemporâneo vive numa afirmação dupla e por vezes paradoxal entre local e global. O cinema mais localizado do que local, indústria-arte geradora de expectativas e interesse à escala Mundial, sempre viu a difusão internacional como território de excelência, sem ter esquecido a dimensão doméstica ou, dito de outra forma, o reconhecimento afectivo, emocional e crítico, por parte do(s) público(s) do país de origem. O cinema está em todo o lado, contaminado e é contaminada por todas as artes, territórios sociais, políticos, géneros. Nascido com a modernidade, seja enquanto meio de narração, seja enquanto território de experimentação, seja documental, de publicidade, foi e é construtor de visões, comportamentos, atitudes, de formas de olhar o eu e o outro. As cine-visões constroem as mundo-visões. É, como afirmou Elia Kazan,

“diálogo do mundo” . A produção de cinema exige técnicos, atores, diretores, escritores especialistas de argumento, nos países, ou locais, de produção. Mas, por diferentes razões que são tema de análise no trabalho, exige decisores públicos, políticas próprias, pensamento institucional.

Escreve Deleuze, seguindo uma tradição remonta ao Ovídio das “Metamorfoses” , que as imagens não duplos das coisas mas as coisas em si mesmas. Se assim é, o cinema não é o nome de uma arte-indústria, “ é nome do mundo” (Jacques Rancière, *A Fábula Cinematográfica*, edições Orfeu Negro, 2014, pág. 178,179).

É certo que o mundo não precisa de narrativas, mas o mundo humano precisa, a construção de narrativas, é determinante na construção do humano.

A articulação do cinema com fundos públicos e políticas culturais, o cinema enquanto lugar de pensamento e afirmação externa dos países e estados e, em particular, nas relações Portugal e República Popular da China, nesta segunda década do século XXI, é o objecto da comunicação.

## **Rui Pereira**

(Direção-Geral das Atividades Económicas – Ministério da Economia)

*A atual realidade das relações económicas luso-chinesas e perspectivas futuras*

**Palavras-chave:** China, Portugal, economia, comércio, investimento, cooperação

Na presente comunicação procura-se apresentar o atual estágio das relações económicas bilaterais luso-chinesas, dedicando-se particular atenção aos desenvolvimentos recentes, incluindo os principais fatores subjacentes ao reforço dos intercâmbios económicos e empresariais entre os dois países. Procura-se igualmente identificar as principais perspectivas de evolução futura.

## **Sérgio Martins Alves**

(Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa)

*Portugal-China: Oportunidades e Desafios*

**Palavras-chave:** Exportação, investimento, Portugal, China.

Nesta comunicação, será feita uma apresentação das principais oportunidades referentes ao mercado chinês para o tecido exportador português e também os principais desafios no que concerne às atividades de investimento entre os dois países.



## **Susana Barreto**

(Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto)

### *Fading Legacy of the Macanese: Towards a Collective Visual Identity*

**Keywords:** Macanese, ethnosymbolism, hybridisation, oral history, visual memories.

This research aims to investigate the fading legacy of the Macanese culture. In a world threatened by homogenization, cultures and identities like the Macanese are in risk of disappearing. The mainstream aspects of this culture have long been documented upon. However, the less discernible aspects have not been given the same attention. This project aims to fill that gap.

This study aims to focus on the symbols, myths and traditions of this ethnue. For this purpose it will be used a qualitative methodology of interviews, visual analysis and oral history. Although the subject could be reachable in Macanese diasporas, the fieldwork will concentrate in the Macau region.

The expected outcome will consist of a series of audio and video files together with written documents and an image gallery. This raw data will then be organized in a digital archive later accessible by free access website.

## **Tang Wenlin**

**Carlos Morais**

**Rosa Lília Coimbra**

(Universidade de Aveiro)

### *Erros ortográficos na escrita do português por chineses e portugueses*

**Palavras-chave:** Novo acordo ortográfico, PLE, alunos portugueses e chineses, regras de ortografia, erro ortográfico.

A escrita portuguesa e chinesa são muito diferentes e cada uma apresenta as suas dificuldades. No caso do português, a inexistência de uma relação biunívoca entre grafema e fonema leva os escreventes a cometer erros ortográficos. Quando falantes chineses, cuja escrita é logossilabária escrevem em português, cuja escrita é alfabética, esta dificuldade também se coloca. A ocorrência de reformas ortográficas e a consequente necessidade de o escrevente se adaptar às novas regras é igualmente geradora de dificuldades.

O que aqui nos ocupou foi caracterizar os erros ortográficos cometidos na escrita do português por parte de alunos chineses e portugueses no que respeita às novas regras da última reforma ortográfica, o acordo de 1990. Nesse sentido, foi elaborado um inquérito cujos resultados aqui se apresentam.

## **Vanessa Sérgio**

(Université Paris Ouest Nanterre La Défense, França)

*Ou-Mun Kei-Leok (1950) ou Breve Monografia de Macau (2009):  
uma obra original e única, traduzida por Luís Gonzaga Gomes e Jin Guo Ping*

**Palavras-chave:** Macau, Luís Gonzaga Gomes, Jin Guo Ping, monografia, relações Portugal/China, tradução.

Levado pelo desejo de divulgar a civilização chinesa entre a comunidade portuguesa de Macau, Luís Gonzaga Gomes (1907-1976) traduz do chinês *Ou-Mun Kei-Leok – Monografia de Macau* (publicado em 1950), obra singular que reflete o olhar de dois magistrados chineses do século XVIII - Tchong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-Iâm - sobre as relações entre Portugal e a China. Além disso, esta monografia oferece-nos um retrato curioso dos ‘estrangeiros’, ou seja, dos portugueses e dos macaenses, nesta longínqua época. O texto apresenta um duplo interesse, isto é, um interesse histórico, com a evocação das relações diplomáticas entre Portugal e a China ; e um interesse sociológico, pela descrição do quotidiano e dos costumes dos primeiros moradores de Macau. Além do interesse sócio-histórico, esta tradução revela o olhar ‘inédito’ dos chineses do século XVIII sobre Macau e a população. Este texto insere também numerosos documentos oficiais chineses da época, pouco acessíveis, que se encontram, por isso, reproduzidos na íntegra. Vários poemas percorrem o texto, tal como gravuras que representam por exemplo os missionários de diversas ordens. Num prefácio, o tradutor macaense – Luís Gonzaga Gomes - salienta o carácter inédito desta monografia por existirem poucos testemunhos chineses dessa época sobre Macau, e por ser a primeira e a única tradução em português. Em 2009, Jin Guo Ping propõe uma nova versão anotada - *Breve Monografia de Macau* – tomando como ponto de partida a edição de Zhao Chunchen. É de realçar que o autor chinês desta nova versão reconhece o trabalho pioneiro realizado por Luís Gonzaga Gomes apesar da tradução ser um ‘pouco confusa’. Pretendemos realizar uma leitura aprofundada de *Ou-Mun Kei-Leok* à luz da leitura feita por Jin Guo Ping cujas notas enriquecem a primeira tradução em português.

## **Vítor Rodrigues**

(CETRAD, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

## **Zélia Breda**

(DEGEIT, Universidade de Aveiro)

## **Mafalda Valério**

(Consultora de negócios no sector do turismo)

*Estarão os destinos preparados para o acordar do dragão?  
Adaptação de serviços e produtos turísticos ao mercado chinês*

**Palavras-chave:** Turismo emissor, mercado chinês, destinos, serviços e produtos, programas de formação, Portugal

O mercado emissor chinês é, desde 2012, o maior do mundo, representando 9,58% do total de turistas internacionais. Em 2014, os turistas chineses que viajaram para o estrangeiro atingiram um número recorde de quase 110 milhões, o que representou um aumento de 11% face ao ano anterior. Além disso, os turistas chineses gastam mais do que um turista médio, levando este mercado a alcançar uma quota de mercado de 11% do turismo internacional, com estimativas que mostram uma tendência de crescimento. É importante sublinhar que este desempenho notável foi alcançado por uma pequena parte da população chinesa, uma vez que apenas 6% possui passaporte.

Devido a este crescimento contínuo, é necessária uma adaptação dos serviços e produtos turísticos por parte dos países de destino, de modo a proporcionar uma experiência que corresponda plenamente às expectativas dos turistas. Esta capacidade de adaptação pode ser alcançada, em parte, através de programas de formação, sendo o *Chinese Tourist Welcome (CTW) Training Program* um bom exemplo. Pretende-se, com este trabalho, identificar os objetivos deste programa, contextualizar o seu funcionamento, e apresentar resultados práticos. Além disso, pretende-se destacar as vantagens competitivas resultantes da implementação de programas semelhantes, apresentando alguns estudos de caso em Portugal (nomeadamente, o *Welcome China*, proporcionado pelo Turismo de Portugal).

## **Wang Suoying**

(Universidade de Aveiro)

### *Eufemismo na Tradução*

**Palavras-chave:** Eufemismo, tradução, globalização, comunicação intercultural.

Este trabalho, através dos exemplos históricos e atuais, salienta a importância do eufemismo na tradução, perante uma globalização cada vez mais intensa, ao serviço da comunicação intercultural, nomeadamente entre Portugal e China.

## **Wei Ming**

(Instituto Confúcio da Universidade de Coimbra)

### *A criação do conceito intercultural na aula de tradução português-chinês*

**Palavras-chave:** Tradução, cultura, intercultural, conversão, português, chinês.

O processo de tradução não só é a conversão entre línguas diferentes, mas também é a conversão entre culturas diferentes. No entanto, o aluno que começa a aprender a tradução, dá mais atenção à transformação de vocabulário e de estrutura linguística, não notando a conversão entre culturas. Durante o processo de tradução, na fase de compreensão, já se influencia por fatores culturais. A compreensão correta não só depende da capacidade linguística no uso de vocabulário e de estrutura gramática, mas também se limita pela área da cultura. Perante a cultura portuguesa, a cultura chinesa pertence ao outro sistema. Será difícil expressar algumas coisas da cultura

chinesa em outra língua. Como no Daoísmo, existem Qi, Yin, Yang. Como se expressam estes conceitos em língua portuguesa, o aluno sentirá escabrosidade. Na área da cultura ocidental, muitas expressões culturais tem a ver com Bíblia. O aluno chinês, se não tem conhecimentos básicos neste domínio, encontrará algumas dificuldades na fase de compreensão. Ao mesmo tempo, na fase de conversão, se não tem o conceito de conversão da cultura, o aluno também sentirá dificuldades em procurar a respetiva expressão.

## **Y Ping Chow**

(Liga dos Chineses em Portugal)

### *Os chineses em Portugal*

**Palavras-chave:** Chineses, Portugal, história, desenvolvimento empresarial.

Nesta comunicação, serão abordados os seguintes aspetos relacionados com a presença dos chineses em Portugal: a história da primeira geração dos chineses, sua distribuição geográfica e atividade comercial; a história do desenvolvimento empresarial dos chineses em Portugal dos anos 60 a 2000; e a perspetiva do desenvolvimento empresarial dos chineses em Portugal com o *golden Visa*.

## **Yao Jing Ming**

(Universidade de Macau)

### *Entre o possível e o impossível: a tradução de poesia de português para chinês*

**Palavras-chave:** Tradução de poesia, língua chinesa, língua portuguesa.

A presente comunicação pretende fazer uma observação sobre a actual situação da tradução de poesia de português para chinês, em Macau e na China continental, para além de abordar os principais obstáculos e dificuldades emergentes no processo da tradução de poemas de português para chinês. A tradução dum poema é muito diferente da tradução dum texto convencional e a tradução dum poema de português para chinês também é muito diferente da tradução dum poema de português para outra língua ocidental, dadas as enormes diferenças entre as duas línguas em questão. Quando um tradutor se prepõe a traduzir um poema de Fernando Pessoa, ele tem de fazer com que o poema seja ainda um poema em língua chinesa e que seja, de algum modo, um poema de Fernando Pessoa, facto esse que constitui, sem dúvida, uma tarefa muito árdua para qualquer tradutor.

## **Zhu Yuan**

(School of Foreign Languages, Renmin University of China)

### *Classical Translation and Hermeneutic Dimensions*

**Keywords:** Translation, Chinese, English, hermeneutics.

The Chinese tradition of classical explication and Western hermeneutics have both enjoyed a long history and reputation. They play a crucial role in the fields of the humanities. Generally speaking, the priority of translating Chinese classics into English or any Western language is, first of all, to grasp the "true meaning" of the original text. However, what is the "true meaning"? It can be very problematic due to the differences both in time and space. The truth is often that people hold very different views on the meaning of the same text. What dimensions we take in understanding the text will directly affect our discernment of the certain and uncertain elements in the construct of the classical text as well as our assurance of the subjective and objective elements of the meaning of the text. They will inevitably affect the stability and validity of the English or any target language translation of Chinese classics as a sub-discipline. From the cross-cultural perspective, we attempt to sort out and compare the representative principles in both Chinese and Western interpretations of classical texts and make some illustration by our own translation practice in the hope that we may get closer to the "true meaning", stronger in "relevance" in the comparisons between different cultures, and more adequate in the translation. It is also hoped that they will improve our practice, research and teaching of the English or foreign translation of Chinese classics.







universidade de aveiro  
theoria poiesis praxis